



**Universidade do Minho**  
Escola de Arquitectura

Vera Lúcia Alves Moura

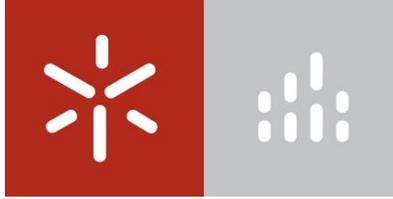
**O diálogo com o mosteiro beneditino de Santo Tirso**

O diálogo com o mosteiro  
beneditino de Santo Tirso

Vera Lúcia Alves Moura

UMinho | 2014

Outubro de 2014



**Universidade do Minho**  
Escola de Arquitectura

Vera Lúcia Alves Moura

**O diálogo com o mosteiro beneditino de  
Santo Tirso**

Tese de Mestrado  
Ciclo de Estudos Integrados Conducentes ao  
Grau de Mestre em Arquitectura

Trabalho efectuado sobre a orientação do  
**Arquitecto André Cerejeira Fontes**

Outubro de 2014

## AGRADECIMENTOS

Quero agradecer em primeiro lugar ao arquitecto André Fontes, professor e orientador, pelo seu apoio e orientação ao longo da realização do trabalho.

Em segundo lugar, aos meus pais, à minha irmã e ao seu namorado, aos meus avós, ao meu namorado e à sua família, pelo apoio e compreensão.

E por fim, agradecer ao professor Pires da escola agrícola Conde de São Bento, que ajudou-me em tudo relacionado com a escola/mosteiro de Santo Tirso.

## RESUMO

O presente trabalho consiste num exercício prático em torno do mosteiro beneditino de Santo Tirso, datado de 978.

Este caso de estudo foi seleccionado por apresentar uma cultura, uma história em que alguns apenas o podem disfrutar, a escola agrícola Conde de São Bento.

O principal objectivo do projecto será quebrar as barreiras que esta casa monástica persiste com a cidade. Para isso, o público encontrará programas a ele dirigido para assim usufruir do edifício e do território, carregados de história. Também serão melhoradas as condições de vida da escola existente, trasladando-a para um edifício novo, que seguirá a lógica de crescimento linear do mosteiro beneditino de Santo Tirso.

Para construir o organismo vivo dentro da propriedade do mosteiro será necessário compreender a sua ordem beneditina, a sua implantação no território, o seu programa e a sua forma de crescimento, para tomar as decisões correctas sobre o novo projecto, sem entrar em conflito com o existente.

O projecto tornará este mosteiro mais público, mesmo a exercer a sua actividade escolar. Haverá, no entanto, regras de uso espacial destinadas ao público e ao privado (escola agrícola).

Numa primeira parte deste ensaio será abordado temas específicos sobre o mosteiro beneditino e numa segunda parte, esta mais importante, será apresentado a memória descritiva da proposta de projecto para o mosteiro de Santo Tirso.

## ABSTRACT

The present work shows a practical exercise around the beneditin monastery of Santo Tirso, aged since 978.

This study case was selected because embraces a culture, a history that only a few people can enjoy, the Conde de São Bento agriculture school.

The main purpose of the project is to break the barriers that this monastic house persists with the city. So, the public will find specific programs designated to them, so they can enjoy the building and the territory, fulfill with of history. The conditions of life of the school will be improved, translating it for a new building, it will follow the rule of a linear growth of the beneditin monastery of Santo Tirso.

To create a life of this organism inside the monastery property, it will be necessary to understand the beneditin order, how it was implanted, his program and how it was his growth form, to make the right choices about the new Project, without entering against the first one.

The Project will make the monastery a local place, where school can have a particular role. Although there will be spatial rules to the public and private place (agriculture school).

The first stage of this essay will include specific themes about the beneditin monastery, and at a second stage (the more important one), it will be presented a descriptive memory of project proposal for the Santo Tirso monastery

# ÍNDICE

AGRADECIMENTOS_____	Pág.2
RESUMO_____	Pág.3
ABSTRACT _____	Pág.4
ÍNDICE_____	Pág.5
ÍNDICE DAS FIGURAS_____	Pág.7
INTRODUÇÃO_____	Pág.8
CAPITULO 1-As Referências na Era Medieval_____	Pág.9
1.1-As Ordens Religiosas_____	Pág.10
1.2-A Ordem Beneditina em Portugal_____	Pág.11
CAPITULO 2- Descodificar Apropriação Territorial Monástica de Santo Tirso_____	Pág.14
2.1-Lugar Monástico_____	Pág.15
2.1.1- O Lugar Monástico e Santo Tirso_____	Pág.16
2.2- O limite Monástico_____	Pág.16
2.3- O Uso sobre o Território Monástico_____	Pág.18
2.3.1- O Rego, O Uso da “Água Bendita” _____	Pág.18
2.3.2- As parcelas, o Uso do Cultivo_____	Pág.19
CAPITULO 3- A Construção Monástica de Santo Tirso_____	Pág.21
3.1- O desenvolvimento Construtivo e Santo Tirso_____	Pág.23

3.2- A Particularidade de Cada Parte e Mosteiro de Santo Tirso_____	Pág.27
CAPITULO 4- As Atitudes dos Arquitectos Perante uma Casa Monástica__	Pág.31
CAPITULO 5- A Escola do Mosteiro de Santo Tirso_____	Pág.33
5.1- A Atitude com o Mosteiro de Santo Tirso_____	Pág.34
5.2- A Implantação_____	Pág.35
5.3- A Forma_____	Pág.37
5.4- O Programa_____	Pág.40
5.4.1- O Programa da Quinta_____	Pág.42
5.4.2- O Projecto Proposto_____	Pág.43
5.4.3- As Horas e a sua Influência no Uso de Cada Espaço_____	Pág.46
5.5- Os Princípios Construtivos_____	Pág.48
5.5.1- As Técnicas Construtivas_____	Pág.48
CONCLUSÃO_____	Pág.51
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS_____	Pág.52
ANEXOS_____	Pág.54

## INTRODUÇÃO

O mosteiro Beneditino de Santo Tirso, o mais povoado de monges e o maior na sua época (978), motivou a certos historiadores ao seu estudo relativo à evolução arquitectónica no tempo.

Estudar, criticar e melhorar essa evolução que nos chega aos dias de hoje será a proposta do projecto prático. Este projecto será fundamentado através da análise histórica e espacial do antigo mosteiro, bem como a sua regra beneditina e a sua ocupação actual.

Para tal foram criados capítulos que partem do geral para o particular. Isto é, narrar como tudo começou na história, o aparecimento das ordens religiosas, como tudo terminou no presente, com ocupação de 100 anos da escola agrícola Conde de São Bento e como será no futuro com a intervenção do projecto.

**1.**

**As**

**Referências**

**na era**

**Medieval**

## 1.1 As ordens religiosas

No final do século IV, em 391 d.C., o Imperador Romano Constantino determinou como religião oficial de todo o império romano, o Cristianismo. A religião que permitiu assim, a criação de um elo de ligação comum na unidade cultural da Europa.

A actividade económica começa a crescer, bem como a actividade agrícola, ao qual possibilitou um desenvolvimento na construção mais acentuado no país.

O desenvolvimento não poderia de qualquer forma afectar o território na sua estrutura e a arquitectura religiosa medieval (os mosteiros), teve a capacidade de adaptação e transformação sobre a paisagem.

Segundo Alexandre Herculano “fundar mosteiros era um dos grandes meios de povoar os lugares desertos; porque em volta das residências monásticas ou monástico-militares a população e a cultura cresciam rapidamente”.<sup>1</sup>

Com o abandono do ritual litúrgico hispânico (moçárabe ou visigótico) alguns quiseram servir exclusivamente à missão de Deus. Resultando duas importantes ordens religiosas na Idade Média, as ordens monásticas e as ordens mendicantes. Estas determinaram, não só estilos de vida e regras, como difundiram diversos estilos de arquitectura, a românica e a gótica, sendo desse modo, empregues grandes quantidades de materiais, mãos-de-obra e vontades.

Uma das principais ordens monásticas foi fundada pelo São Bento de Núrsia, chamada ordem beneditina, de 480-547 d.C., no mosteiro de Monte Cassino.

São Bento defendia que os mosteiros beneditinos eram como verdadeiras famílias monásticas enclausuradas,

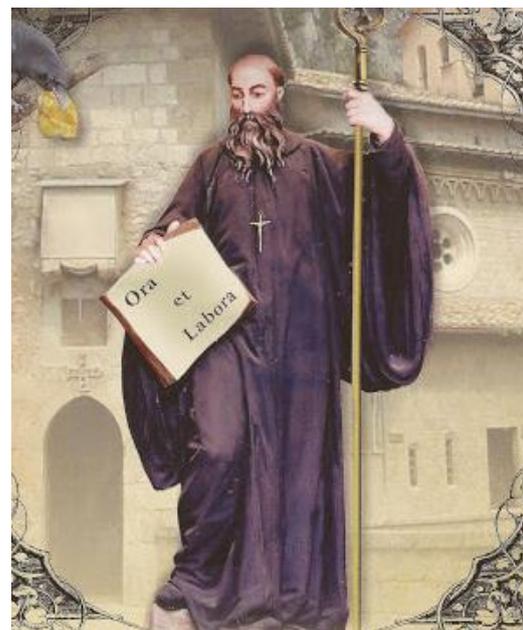
---

<sup>1</sup> SALGADO, Padre Benjamim; *A igreja do Divino Salvador de Joane*; Apontamentos para a sua história; C. M. V. N. Famalicão; 1978; pág. 30; a citar Alexandre Herculano; *Hist. De Port.*; pág.86

organizadas por um abade que administrava e por monges/monjas que obedeciam, através de um ofício rígido. Eram também assim obrigados a hospedar nos seus mosteiros viajantes e peregrinos, mas também auxiliarem os pobres e promoverem o ensino.

Segundo São Bento, “o mosteiro é uma escola onde o monge aprende a servir a Deus, a corrigir seus defeitos, a trabalhar diariamente para assegurar a exploração do domínio de que precisa para viver condignamente.”<sup>2</sup> A clausura da comunidade beneditina implicava a autonomia e o auto-abastecimento, sendo necessário exercer funções inerentes a uma cidade, a função económica e administrativa, doméstica e intelectual. Essas necessidades colectivas teriam de ser organizadas no tempo com a oração contínua. Assim, São Bento defeniu o tempo dos monges em três prismas (Ofício Divino), o trabalho e o descanso, a refeição e o jejum, a oração e a leitura (cópia de manuscritos – constituindo bibliotecas importantes). Tendo sempre a oração e o trabalho como objectivo - *Ora et Labora* (fig. 1).

Ao longo do tempo era visível a decadência nas casas monásticas, o que levou a novas reformas à Regra de São Bento. A primeira reforma foi em 910, em França, no mosteiro beneditino de Cluny (abadia-mãe). Este adquiriu grande poder económico e político, expandindo a arte e a arquitectura através dos seus mosteiros afiliados. Esta arte era traduzida na sedução mística de esculturas e adornos que serviam o culto divino “para que em tudo, Deus seja glorificado”, como mandava S. Bento<sup>3</sup>. Demasiados excessos eram cometidos pela ordem Cluniacense e Cister (Cîteaux) teve que reagir a essa reforma, em 1098. O objectivo era regressar à literalidade da Regra de São Bento. Simplificar o género de vida de Cluny, restringindo-se de



**Figura 1** São Bento de Nursia.

Imagem: Abadia Farfa (Itália), Daniel D.

---

<sup>2</sup> LENCART; Joana; 2º Congresso Histórico de Guimarães – O Quotidiano Monástico Beneditino no séc. XII e XIII; Câmara Municipal de Guimarães’96; Universidade do Minho; 1996; pág.6

<sup>3</sup> DIAS; Geraldo José Amadeu Coelho; Quando os monges eram uma civilização...Beneditinos: Espírito, Alma e Corpo; Edições Afrontamento; Porto; 2011 pág.128

tudo aquilo que não era fundamental, valorizando o trabalho, o ideal da pobreza (limitando a decoração). Segundo São Bernardo de Caraval, um monge de Cister, dizia que os edifícios não deviam ser objectos de contemplação/decoração, mas sim de oração. Outra reforma foi a ordem de Santo Agostinho mais virada para o trabalho intelectual, copiando livros.

Com a contextualização da história (gótico mendicante) nasceram também novas comunidades e ordens que modificaram/renovaram a Regra de São Bento. Surgindo a ordem mendicante, no séc. XII, com a missão de evangelizar, mas sobretudo de viver o voto de pobreza, ou “mendigar” através do apoio económico da população. Esta ordem era constituída por uma comunidade que pregava e evangelizava a palavra e a mensagem de Jesus Cristo, sendo que o isolamento, não era importante como na ordem monástica.

É através de Francisco de Assis e de Domingos de Gusmão (fig.2), que surge as duas novas ordens religiosas mendicantes, a ordem franciscana e a ordem dominicana. Ambas tinham como objectivo demonstrar que era possível viver na pobreza e serem solidários com os pobres, tornando-se o oposto da comunidade monástica de Cluny, mas a mais próxima da ordem de Cister. Vivendo assim, cada dia na confiança de Deus.



**Figura 2\_**São Domingos e São Francisco\_Angelo Lion - óleo sobre tela - (Basilica dei Santi Giovanni e Paolo (Venice, Italy))

## 1.2 A ordem Beneditina em Portugal

No século X/XI, no Norte e no Sul do Douro da Península Ibérica começou-se a descobrir o estilo românico marcado pelo período de reconquista cristã. Este estilo apropriou-se das características locais e da época, desenvolvendo assim, o nosso românico à escala portuguesa, com materiais portugueses. Essa presença no Norte de Portugal permitiu a estruturação da regra Beneditina, a congregação dos monges negros de S. Bento, que acompanharam a formação do reino. Da sua conquista territorial surgiu a Casa Mãe da Congregação Beneditina portuguesa, o Mosteiro de São Martinho de Tibães. À semelhança do mosteiro de Cluny (gerou a suas filhas monásticas), Tibães como casa mãe, teve o mesmo objectivo, multiplicar-se através de casas afiliadas concentradas sobretudo na região de Braga e Coimbra (fig.3).

Em Portugal Implantou-se também os Cistercienses, com a construção da congregação de Santa Maria de Alcobaça, em 1567.

Segundo Georges Duby, o mosteiro era o primeiro modelo cristão que apelava à cultura, ao conhecimento, à fé e ao refúgio.



**Figura 3**\_Mapa dos mosteiros beneditinos

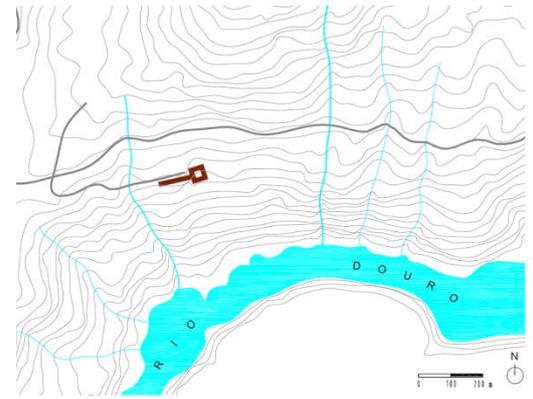
## 2.

**Descodificar  
a apropriação  
territorial  
monástica de  
Santo Tirso**

## 2.1 O lugar monástico

A ordem beneditina necessitava de procurar o *Genius Loci* – o espírito do lugar, a “tal perfeição” para afixar os seus mosteiros no território.

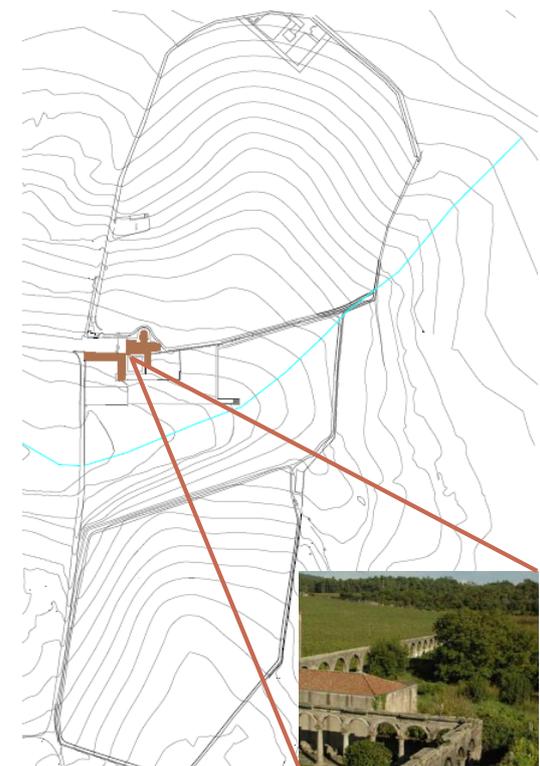
A região Norte do Portugal era rica em terras férteis para o desenvolvimento da agricultura. O que impulsionou para a conquista e o domínio dos beneditinos sobre as terras, gerando uma civilização da era medieval, com boas condições de vida, até para os habitantes que iriam povoar em seu redor. Contudo, a implantação de um mosteiro não dependia só das terras férteis, mas também das regras da sua construção, do seu diálogo com a paisagem/proximidades e com a sua acessibilidade. Eram tempos de poucos meios de transporte e a acomodação destas comunidades teriam necessariamente de aproximar-se de terras vizinhas para uma mobilidade garantida, mesmo havendo a separação por um rio ou por um monte. Posteriormente sobre o rio haveria a construção de uma ponte como um meio importante para a troca de conhecimentos e de culturas. Tornando-se mesmo assim essencial a existência de um rio para o mosteiro, tirando estes partido das suas vantagens para a agricultura. Todavia, quando a terra fértil era favorecida por um bom curso de água e/ou um bom sistema de linhas de água na bacia hidrográfica, a auto-suficiência da casa monástica era garantida. Desse modo, estaria a moldar-se segundo as regras do monaquismo, para poder produzir o seu consumo, ou para eliminar resíduos, ou até mesmo para o próprio cultivo (figs.4 e 5). Em casos excepcionais, a ausência do curso natural da água era compensada de um



**Figura 4**\_Mosteiro de S. João de Alpendurada\_carta militar adaptada



**Figura 5**\_Mosteiro de Paço de Sousa\_carta militar adaptada



**Figura 6**\_Mosteiro de S. André de Rendufe\_carta militar adaptada

modo artificial, por aquedutos que transportavam a água até ao mosteiro (fig.6).

Quando os beneditinos encontravam territórios ocupados outrora por templos primitivos, eles construíaam aí os seus mosteiros, reimplantando uma lembrança.

### 2.1.1 O lugar monástico de Santo Tirso

Na era do século X (978), junto ao rio Ave, numa zona baixa do território, ergueu-se a casa monástica segundo a ordem de São Bento sobre o primeiro mosteiro pré-românico (pegadas apenas literárias) da Vila Moreira, fundado pela D<sup>a</sup> Unisco, sob advocação de mártir Santo Tirso. *Esta unidade geográfica incluiria dentro de si, duas grandes terras: a da Maia, a ocidente, e a Sousa, a nascente*<sup>4</sup>. Na verdade, a escolha do lugar não foi arbitrário, sendo que as principais condicionantes referidas anteriormente para a acomodação do mosteiro foram aqui empregues (fig.7).

Tornou-se o mosteiro mais rico e o mais povoado de monges, dentro da ordem beneditina, na Idade Média. À estrada romana Porto-Braga (fig.8) juntou-se o mosteiro Beneditino, sob um estreito “cordão umbilical” (chamado de Rua até ao séc. XIX), estruturando o território na qual os seus habitantes, serventes do convento, iam acomodando-se, erguendo oficinas e casas. *Efectivamente, do mosteiro nasceu a Rua. Da Rua a cidade. Da cidade, a aura beneditina do seu povo.*<sup>5</sup>

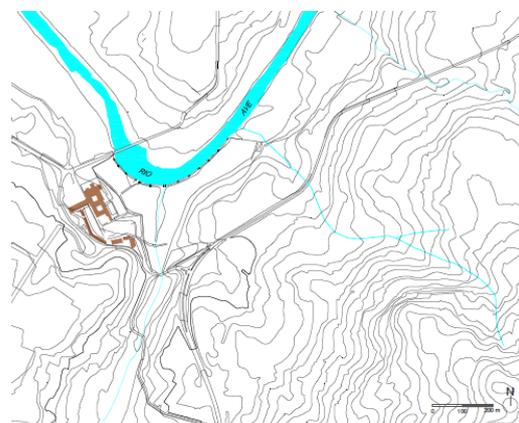


Figura 7\_Mosteiro de Santo Tirso\_carta militar adaptada



Figura 8\_Mapas das vias romanas, via romana entre Porto e Braga que passava pela “Rua”, ou seja, Santo Tirso

<sup>4</sup> e <sup>5</sup> CORREIA, Francisco Carvalho, *O Mosteiro de Santo Tirso de 978 a 1588*, volume I, Câmara de Santo Tirso, Norprint Artes Gráficas, 2009, pág.75, pág.60

## 2.2 O limite monástico

Do couto que o mosteiro era donatário fez gerar o concelho de Santo Tirso (fig.9). Tratava-se de bens doados ao mosteiro pelos seus fundadores, mas também pela sua população “para garantir a salvação das suas almas”, desenvolvendo desse modo, uma área descontínua. Essa foi uma consequência para a desorganização territorial obrigando a determinar fronteiras. Desenhar esses limites garantia a organização espacial de uma propriedade, destacando a relação visual ou a falta dela.

Os limites eram encerrados por uma cerca irregular (um muro adaptado ao terreno) que defendia da agressividade do mundo exterior, mas também permitiam definir as suas terras e gerar uma comunidade auto-suficiente, o imposto pela regra de clausura. A cerca pequena determinava a organização racional da zona envolvente do mosteiro (parcelas agrícolas) (fig.10), enquanto a cerca de fora/maior abarcava os terrenos mais distantes. Esta cerca gerava a relação directa entre a população e o mosteiro de Santo Tirso, separada apenas através dos acessos, os únicos momentos de contacto entre interior e exterior. Esses acessos ao mosteiro de Santo Tirso eram realizados por duas formas, via terrestre – a portaria, ou via marítima – junto aos alpendres próximos do rio.

A passagem por via terrestre era antecipada por um terreiro com um cruzeiro (barroco) de granito, sobre cinco degraus, segundo a norma beneditina. A população, os viajantes, os peregrinos serviam-se dele não só para aceder à igreja (o culto divino), mas também para conviver e aceder ao próprio mosteiro de Santo Tirso (a hospedaria, recebe-los como se fosse o próprio Cristo, mas afastá-los da sua

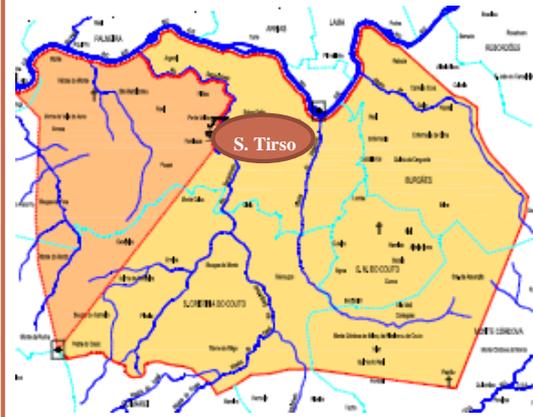


Figura 9\_Couto de Santo Tirso

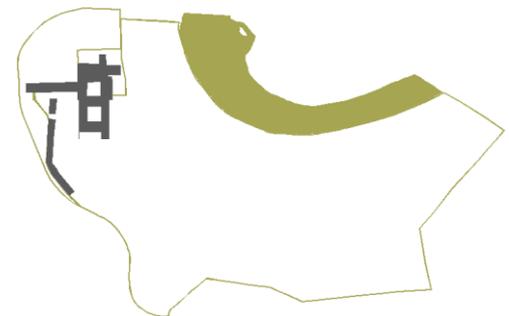


Figura 10\_Cerca menor do mosteiro de Santo Tirso

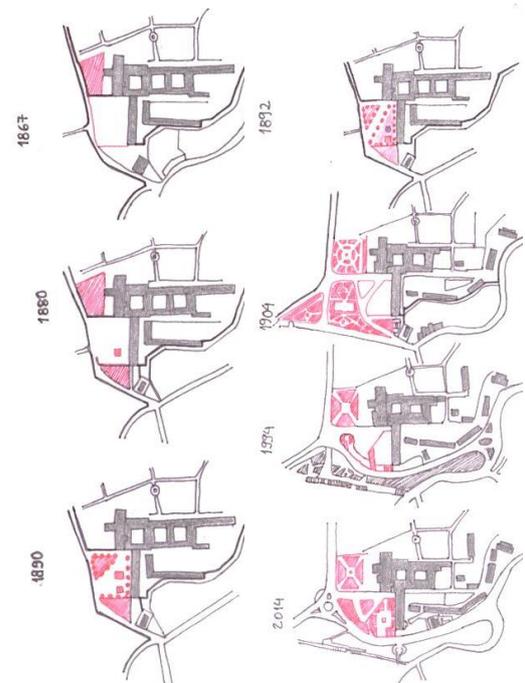


Figura 11\_Transformações do terreiro no tempo

comunidade, como dita a regra). Era um ponto de passagem/filtragem para todos, que na evolução do tempo transformou-se à imagem da cidade (fig.11), assim como aconteceu com o rio Ave, transformou-se.

## 2.3 O uso sobre o território monástico

O mosteiro beneditino de Santo Tirso era edificado sobre clausura à imagem de uma microcidade auto-suficiente. Possuía tudo o que era indispensável para praticar os diferentes ofícios, as hortas, as oficinas, os moinhos e a água, segundo a Regra de São Bento.

### 2.3.1 O Rego, o uso da “água bendita”

A água era considerada pelos monges uma sobrevivência. Esta tinha de chegar à casa monástica desde a sua nascente (água pura). Para isso, no séc. XII, os frades debruçaram-se na engenharia medieval para iniciar a sua obra, a chamada Levada de Pereiras ou Rego dos Frades, “como dizia o povo” (fig.12). A levada começava em Pereiras (num troço de construção subterrânea), no rio Leça e descia sinuoso, por entre fragas e moinhos, por entre montes e planaltos ou vales, durante quilómetros, até chegar ao mosteiro.<sup>6</sup> Este rego, em lajeado de pedra, marchava, a céu aberto, de voz ora murmurante e piedosa, ora mais desesperada e estrebuchante,<sup>7</sup> movendo quase uma centena de mós, vários lavadouros, azenhas e serras hidráulicas, estruturando um território imenso ao seu redor.

Nas proximidades do mosteiro a sua propagação digressiva era feita por canais subterrâneos, oferecendo a água bendita aos frades e colocando em movimento a roda



**Figura 12**\_Imagens do antigo rego existente no lugar do Tapado em Fevereiro de 1973. Actualmente este local corresponde ao início da Rua Dr. João Gonçalves que dá acesso ao Hotel Cidnay



**Figura 13**\_Imagens por onde passava as águas dentro do mosteiro até ao rio Ave

<sup>6 e 7</sup> CORREIA, Francisco Carvalho, *O Mosteiro de Santo Tirso de 978 a 1588*, volume I, Câmara de Santo Tirso, Norprint Artes Gráficas, 2009, pág.943, pág.272

da botica, a serra hidráulica e o lagar de azeite. A Levada vinha repousar dentro da cerca “menor”, no tanque existente, mas por um período passageiro, pois tomava de novo o seu rumo para a quinta de fora e para as fontes. Era na zona inferior do tanque, num arco de cantaria que as águas tomavam o seu rumo, repartindo-se. A água na cerca de dentro, era canalizada por gravidade, chegando às fontes e ao chafariz do jardim de Santo António (a Sul do mosteiro), mas também atravessava o 3º claustro (outrora destruído pelo fogo), que abria-se de novo junto do dormitório até à fonte. A fonte possuía um reservatório em cantaria, rodeada de um passeio, situada na horta, que recolhia todas as vertentes das águas, para posteriormente serem aproveitadas nas hortas e submergirem no rio (fig.13 e 14). Esta obra do Rego dos Frades *estimulava a inveja a muitos vizinhos*,<sup>8</sup> porque no seu longo percurso estava à “mão de semear”, motivo esse que provocava maior tentação para obstruí-lo. Contudo, o rego possuía um proprietário, o mosteiro, assim havia sempre a necessidade de proteger, contra a acomodação de lavadouros ou moinhos alheios.

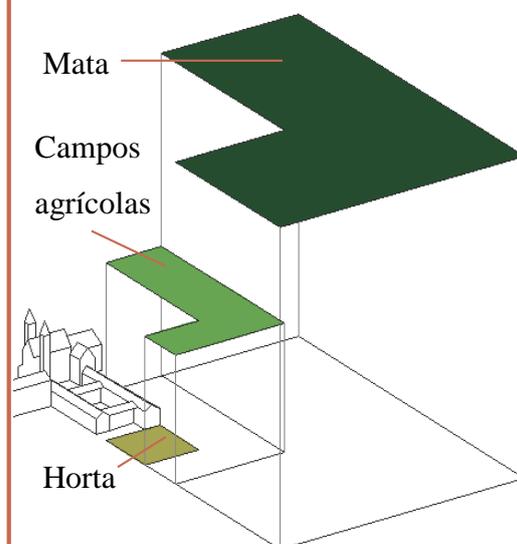
### 2.3.2 As parcelas, o uso do cultivo

As parcelas das cercas (dentro e fora) dos Frades Beneditinos foram usadas como fonte do seu trabalho, cultivando-as e plantando-as com os produtos hortícolas, os pomares, vides, olivais, sobreiros, castanheiros e os carvalhos, gerando os seus próprios produtos agrícolas.

Esse território monástico de Santo Tirso, à semelhança de muitos outros, era organizado por uma horta (produção de cereais, produtos hortícolas), mais próximo do mosteiro, devido ao seu uso diário; logo de seguida os campos



**Figura 14** Possível repartição das águas sobre a planta de 1867



**Figura 15** Esquema da organização parcelar da quinta do mosteiro, segundo o seu uso

<sup>8</sup> CORREIA, Francisco Carvalho, *O Mosteiro de Santo Tirso de 978 a 1588*, volume I, Câmara de Santo Tirso, Norprint Artes Gráficas, 2009, pág.276

<sup>9</sup> CORREIA, Francisco Carvalho, *O Mosteiro de Santo Tirso de 1588 a 1834*, estudo e documentação, câmara municipal de santo tirso, empresa do diário do minho, 2013, pág.205

agrícolas (produção de pomares e vinho), porque eram periódicos os seus trabalhos e a mata que fornecia a lenha, tojo e o estrume, que alimentava o forno e garantia a cama do gado, anualmente (fig.15).

A cerca interior chamada de *Orta não tem grande extensão mas he divertia, porque se compoem de varias ruas bem formalizadas,*<sup>9</sup> produzindo parcelas definidas (fig.16). *As hortas e as vinhas descem pela encosta para o rio, intercalladas com pequenos alegretes, que a abundancia d'agua aviventa, e que obedeciam ao preceito fradesco de que o util deve andar paralelo do agradavel.*<sup>10</sup> As hortas tinham de ser alimentadas pela água, usando a água do rego como sistema de rega para as hortas, a Este do mosteiro. Esta água oriunda do “Rego dos Frades” não era capaz de nutrir as hortas a Sudeste, pela distância a que estas se encontravam. Assim, encanaram a água da ribeira do Matadouro, que atravessa a meio da cerca, para regar os campos a Sudeste do mosteiro.

As marcas do passado são as permanências da actualidade (fig.17).



**Figura 16**\_Uma possível representação das hortas e dos pomares beneditinos sobre a planta de 1867

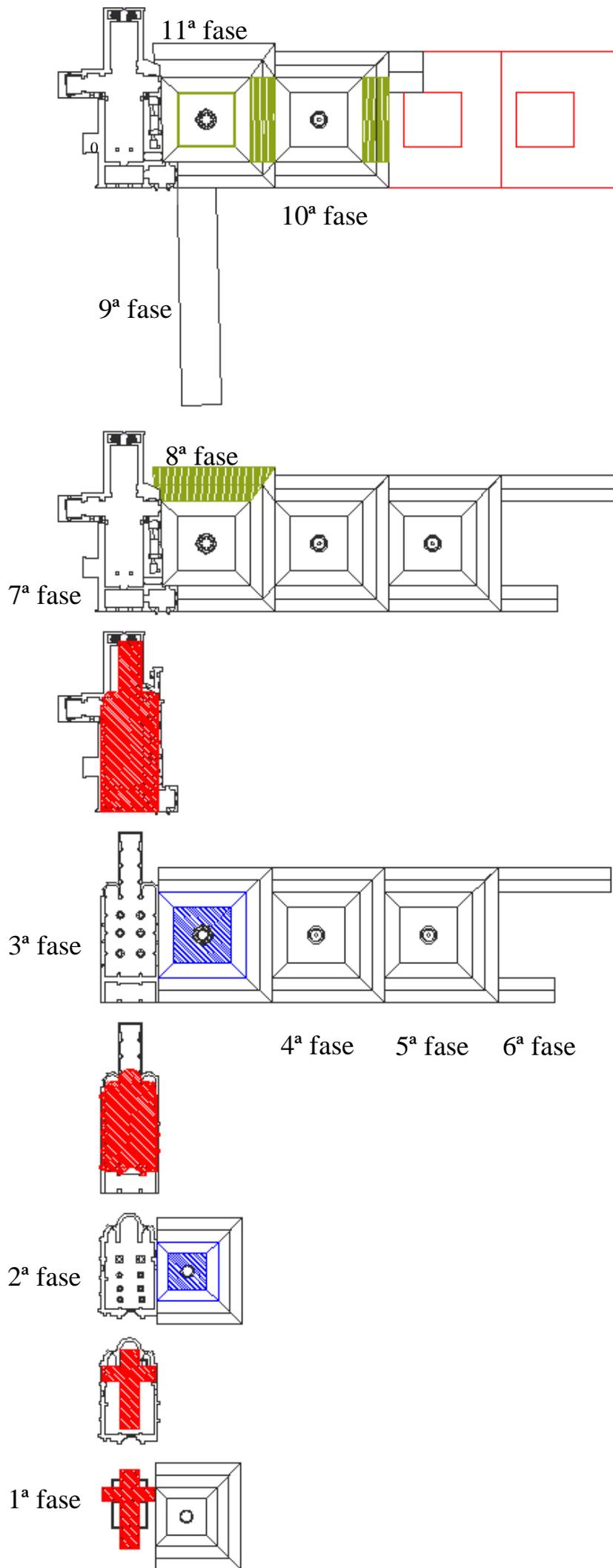


**Figura 17**\_Presença física da antiga Levada oriunda do rio Matadouro

<sup>10</sup> CORREIA, Francisco Carvalho, *Santo Tirso: da cidade e do seu termo*, II volume, Câmara Municipal de Santo Tirso, Braga, 2000, pág.42

# 3.

## A Construção monástica de Santo Tirso



Esquema das fases do mosteiro de Santo Tirso baseadas em mosteiros da mesma época e na leitura que fundamenta a escala de cada uma

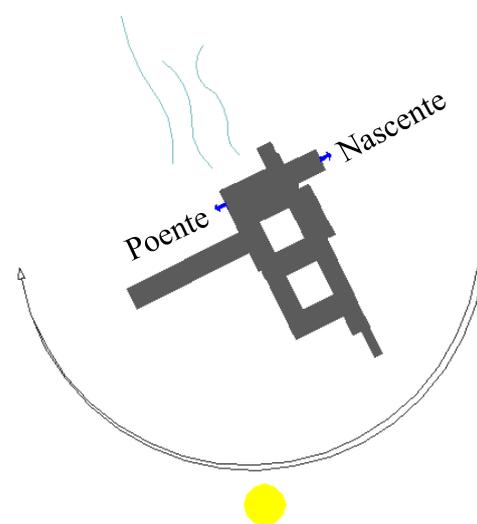
### 3.1 O desenvolvimento construtivo do mosteiro de Santo Tirso

*Tudo no mundo, afinal, é inseguro, inconstante, efêmero; tudo se modifica permanentemente.*<sup>11</sup> E assim foi neste mosteiro de Santo Tirso, uma aglomeração de construções, no passar dos tempos.

Os seus elementos surgiram por fases, tendo como maior mérito o último claustro, que conferiu-lhe o maior mosteiro da congregação beneditina, com quase quatro claustros construídos. Essas possíveis fases foram relatadas num esquema (página anterior) compensado por um friso cronológico (anexo I), segundo a leitura de várias fontes.

Como já foi referido, em 978 começa a **primeira fase** do mosteiro de Santo Tirso, assinalada pela fundação do mosteiro por D. Unisco Godins e seu marido Aboazar (igreja pré-românica, talvez de cunho visigótico ou moçárabe, segundo Francisco Carvalho Correia), junto ao rio Ave, sobre a via românica Porto-Braga.

A **segunda fase** foi presenteada, pela sua filiação à ordem beneditina através de uma nova “casa de Deus” (igreja românica e o seu claustro – uma construção indefinida), mais avantajada, com um carácter longitudinal e maior homogeneidade espacial. Permitindo assim, a visita de mais fiéis e peregrinos que faziam a travessia até Santiago de Compostela. Os crentes eram quase obrigados, a desviar o seu olhar para a riqueza decorativa empregue neste mosteiro, a fachada da igreja e a porta axial, carregados de simbologia. Intencional e simbólico era também a sua orientação – orientada para a cidade Santa de Jerusalém e do Santo Sepulcro (a capela-mor, a nascente e a entrada

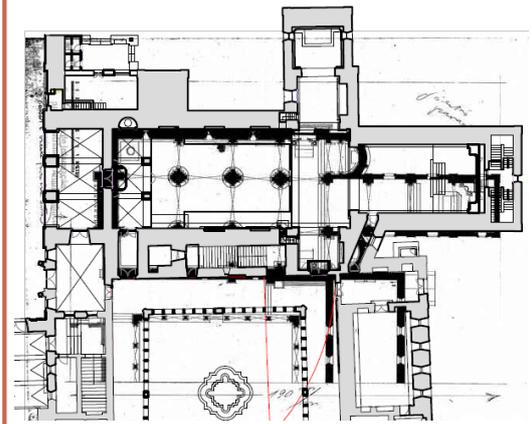


**Figura 18**\_Esquema da igreja monástica em relação à Rosa dos Ventos

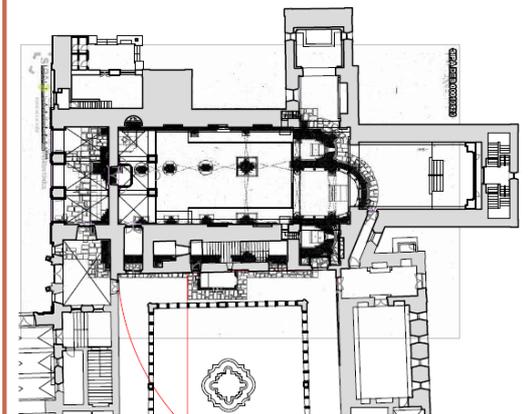
principal, a poente) (fig.18). A sua entrada a Oeste era acedida pelo crente, atravessando a “porta do céu”. Já a Sul, a porta comunicava com o claustro e era daí onde os monges entravam para a casa do culto divino, mais precisamente para o coro-alto (separação do público). A igreja monástica construída a Norte foi intencional, com o objectivo de proteger o claustro do frio e dos ventos fortes oriundos do Norte (fig.18).

A construção românica da igreja de Santo Tirso não resistiu até aos dias de hoje. Desse modo, para compreender a sua implantação e a sua planta usou-se, por meio da comparação, mosteiros como o de Paço de Sousa (fig.19), o de São Pedro de Rates (fig.20) e o de Travanca (fig.21). As comparações revelaram que apesar de todas apresentarem características idênticas ao modelo actual, a igreja de Paço de Sousa destacou-se, tendo em conta que esta seria ainda maior que actual (referindo-se então à possível terceira fase do mosteiro).

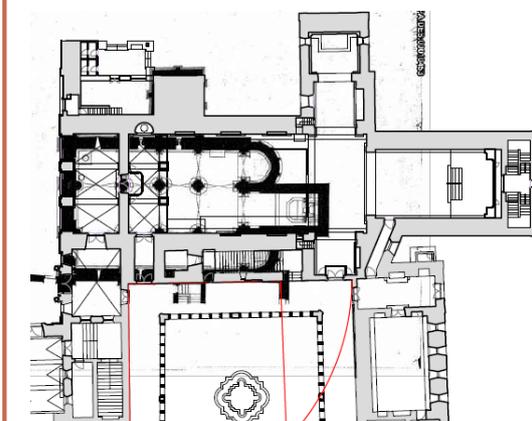
Nascera a **terceira fase** através da construção da igreja monástica, de natureza gótica (três naves e um galilé). Era maior ainda que a actual, levantada por Martim Gil de Sousa e sua esposa D. Violante Sanches. Provavelmente, esta terceira serviu-se das bases da anterior igreja românica para uma nova construção, reaproveitando algumas das suas pedras. A par da igreja, em direcção a Sul (segundo a regra), construiu-se as dependências necessárias ao funcionamento do mosteiro, sobretudo o novo claustro de estilo gótico (28.50mx3.20m), uma vez que o antigo era pequeno, acompanhando as dimensões da sua igreja românica. Este fora lajeado com pedras sepulcrais, coberto por tectos de madeira e decorado com motivos (geométricos, vegetais e



**Figura 19**\_Sobreposição da igreja de Paço de Sousa à actual igreja de Santo Tirso



**Figura 20**\_Sobreposição da igreja de São Pedro de Rates à actual igreja de Santo Tirso



**Figura 21**\_Sobreposição da igreja de Travanca à actual igreja de Santo Tirso

zoomórficos) nas suas colunas e capitéis. O segundo piso foi construído posteriormente organizado por alguns aposentos monásticos, como a casa do capítulo e/ou o dormitório.

Foi a partir do primeiro claustro que os restantes se desenvolveram, crescendo em forma linear para Sul (o contrário do mosteiro de Tibães, em forma quadrangular), uma vez que a sua topografia assim o exigia.

Foi com a construção do segundo claustro (D. Frei Plácido dos Anjos) e dos dois lanços de dormitório (11 celas no piso superior), que surgiu a **quarta fase** do mosteiro beneditino. Bem como, a **quinta fase** referente ao terceiro claustro. Este mosteiro era possuidor de muitos monges, o que levou a construir um quarto claustro, a **sexta fase**. Todavia, em 1834, os monges desabitaram o mosteiro não concluindo assim a sua galeria a Sul. Foi assim, beneficiado através da sua extensão, com cerca de 170 m de comprimento, onde incluiu um dormitório, no lado do rio - o coristado com catorze celas, uma capela e um lavabo. Esta fase foi afirmada pela existência da planta de 1867 (anexo II), onde apresenta os três claustros e o arranque do quarto (parte Norte do coristado). *Os abades trienais lançariam mãos à obra, tentando primeiro remediar. Mas já o evangelho advertia: “remendo novo em pano velho não dá”. Por isso, a meio do século XVII, lançar-se-iam à construção de uma nova igreja e de um novo mosteiro.*<sup>12</sup> Iniciou-se então a **sétima fase** com a construção de uma nova e última igreja, (observa-se hoje o reaproveitamento do aparelho na parede Norte da terceira igreja – delimitação da nave lateral esquerda), um plano traçado por Frei João Turriano. A sua fachada avançaria sobre o nártex da terceira igreja, aglutinando-o e tornando-o ainda mais pequeno que o

---

<sup>12</sup> CORREIA, Francisco Carvalho, *O Mosteiro de Santo Tirso de 978 a 1588*, volume I, Câmara de Santo Tirso, Norprint Artes Gráficas, 2009, pág. 167

anterior, pela eliminação da nave da epístola. Porém permitiu duplicar a área do coro-alto. *Se, de dentro da igreja, observarmos os pilares e arcos que, poderosos, sustentam o coro-alto, poderemos concluir que, a nova igreja, se anulou do lado da epístola o espaço correspondente ao intervalo entre dois pilares imediatos. Ou seja, e contando do mesmo lado, os dois primeiros arcos de hoje correspondem à largura da antiga nave central.*<sup>13</sup>

Deste modo, o eixo da matriz teve de deslocar-se para Norte, obrigando a recentrar a capela-mor segundo este novo eixo.

A **oitava fase** ficou marcada pela construção da antecapela e sacristia de Frei João Turriano.

O Dom Abade Plácido de São Bento mandou construir a **nona fase** da casa monástica de forma a definir a face leste do terreiro, a hospedaria. Esta ocupou-se com adegas e celeiros no andar térreo (ainda hoje conserva as suas funções originais).

A **décima fase** ocorreu com a edificação da ala Norte do segundo claustro, a nova biblioteca de gosto barroco, que continha no seu piso inferior três espaços, um dedicado ao cartório (preservação de documentos) e os outros dois à fábrica de cera. Surgiu também na ala oposta (ala Sul do segundo claustro) a nova sala do capítulo (gosto neoclássico), enquanto no seu piso inferior instalou-se a fábrica de queijo. Estas duas novas alas marcaram a diferença pela sua altura em relação às alas Poente e Nascente, mas vieram interromper o circuito do claustro a nível térreo para as determinadas ovelhas conventuais.

Após a extinção das ordens religiosas (1834) o mosteiro beneditino continuou com as suas fases, permitindo ainda uma **décima primeira fase**. Esta surgiu, devido às ruínas do primeiro claustro que teve a necessidade de reconstruir-se e

construir o seu segundo piso, distinto do anterior, com a traça de Fernando Pires de Lima.

Estas fases do mosteiro beneditino não terminaram da melhor forma, tendo ocorrido um incêndio, como relata Alberto Pimentel. Destruiu parcialmente a área do terceiro claustro, assim como a área construída do quarto claustro (o dormitório do coristado, as duas capelas, a do coristado e a da horta). Ficando assim incompleto até aos dias de hoje, vinculado apenas na memória do passado.

O mosteiro de Santo Tirso depois da extinção das ordens pertenceu à hasta pública, sendo posteriormente acedido à Santa Casa da Misericórdia (1894) a fim de criar uma escola asilo agrícola do Conde de São Bento. Esta dispunha-se a acolher os órfãos e os abandonados com o intuito de ensinar o primário da agricultura. Em 1913, foi criada por Manuel de Arriga e António da Silva, a escola profissional agrícola Conde São Bento que conservou os ensinamentos agrícolas até aos dias de hoje, no segundo claustro do mosteiro (planta em anexo III). Uma vez que, o primeiro claustro ficou ao encargo da paróquia, assim como a igreja que preservou o seu uso, a prática ao culto.

### **3.2 A particularidade de cada parte do mosteiro de Santo Tirso**

É a Rega que define a planta do mosteiro, o espaço, o ritmo do dia-a-dia com que esse espaço será usado e quem o poderá conviver (locais semi-públicos ou privados com circulações independentes).

O terreiro composto por um cruzeiro foi a forma espacial encontrada para receber todos aqueles que queriam

visitar o culto divino ou hospedarem-se no mosteiro. Para garantir que esse espaço fosse semi-público tiveram o cuidado de diferencia-lo com uma cota mais baixa em relação à via pública, acedido por escadas ou por uma ligeira rampa, mais a Norte. Nos dias de hoje, os carros acedem e permanecem no terreiro, a fim de as pessoas se recolherem à igreja ou à escola agrícola através dessa mesma rampa.

A igreja (1) era o espaço mais importante da casa monástica, que recebeu por entradas distintas duas personagens importantes, os crentes no piso inferior e os monges no piso superior, mais precisamente no coro alto. Actualmente, a sua fachada apresenta uma simetria na sua composição com duas torres sineiras.

A sacristia (2) servia de apoio à celebração da eucaristia acedida directamente à igreja pelo transepto, enriquecida com esculturas e pinturas.

O claustro (3) era um espaço nobre para os monges e idealizavam-no através da decoração e dos canteiros centrados por um chafariz. Tinha como principal função o encerramento da comunidade monástica num espaço quadrangular aberto, permitindo não só a circulação entre as dependências, mas também a reunião dos monges (leitura comum e individual). Este mosteiro beneditino conquistou quatro espaços nobres de clausura, hoje restam apenas dois, o primeiro pertencente à paróquia/igreja e o segundo onde insere-se a escola agrícola Conde de São Bento.

A sala do capítulo (4) era um lugar de reunião da comunidade beneditina onde lia-se um capítulo da regra, elegia-se um abade e resolvia-se todas as questões financeiras. Merecendo uma nova construção no decorrer dos tempos e hoje apresenta uma nova função, a capela da

escola agrícola Conde de São Bento (instituição escolar que instalou-se no mosteiro, em 1913).

A biblioteca ou “armarium” (5) também construída de novo era muito fundamental para os monges. Ocupavam-se com as leituras nas suas horas diárias. Hoje a escola ocupa-se deste espaço como um salão nobre.

O dormitório (6) era uma necessidade de isolamento dos monges para meditar/estudar e descansar. Essas mínimas celas individuais eram acedidas por um único corredor ao lado do claustro e perpendiculares a ele, localizadas a leste, a fim de receber a luz do sol nascente. Cada cela que outrora era individual hoje é colectiva, ocupada com as mesmas funções pelos alunos da escola agrícola.

A hospedaria (7) era um espaço de grande importância, pois recebia os hóspedes, como se fossem Cristo, em celas individuais de maiores dimensões em relação às dos monges. Contudo, tinha de ser distante dos espaços de clausura sem comunicar com o claustro. Hoje este espaço foi ocupado pelo museu Abade Pedrosa, que usufruiu das celas para expor as suas obras.

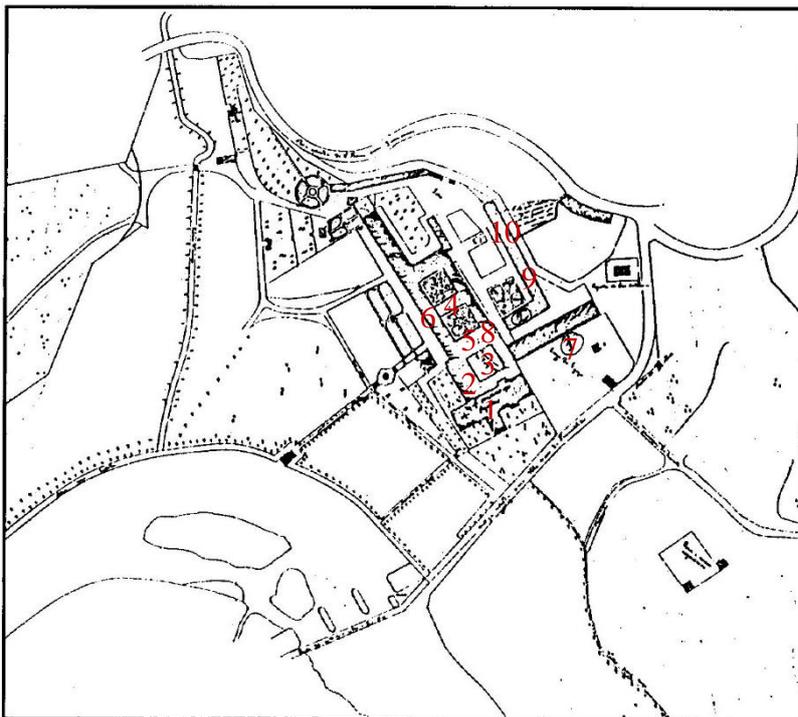
O refeitório (8) era essencial na vida comunitária dos monges, pois precisavam de alimentarem-se e esse acto simbolizava a última ceia - a “comunhão à mesa dos irmãos”. Os monges sentavam-se em torno da sala, ou seja, em U, libertando o espaço central para os serventes. O silêncio neste espaço era absoluto para ouvir a leitura vinda do púlpito, embutido na parede. A sua localização seria na ala do claustro oposta à igreja, mas poucas são as referências a esta localização.

A botica (9) era um laboratório onde os mosteiros poderiam criar os seus próprios remédios, pois detinham jardins de plantas medicinais. Esta encontrava-se a oeste

junto da cerca, acedida pelo interior do dormitório dos hóspedes, hoje ainda encontra-se lá apenas a roda da botica, sem exercer qualquer função.

As oficinas (10) definiam o trabalho manual dos monges e evitavam os movimentos entre a cidade - mosteiro. Elas encontravam-se muitas vezes no piso inferior, como a adega abaixo da hospedaria (hoje com as mesmas funções), a fábrica de cera localizada na ala inferior da biblioteca (hoje refeitório da escola agrícola) e a fábrica do queijo no piso inferior da sala do capítulo (hoje dividida para sala dos professores e sala de física e química). As oficinas também deveriam estar nos edifícios adjacentes junto da botica onde hoje são as oficinas da escola.

Para a vida do mosteiro também era indispensável as cortes do gado e a cavalaria. As suas localizações não foram decifradas, mas hoje encontram-se a Sul do mosteiro, logo depois da área que outrora pertenceu ao antigo quarto claustro (hoje ocupado por construções precárias da escola agrícola).



**4.**

**As atitudes  
dos  
arquitectos  
perante uma  
casa  
monástica**

Eduardo Souto Moura entrevistou no mosteiro de Santa Maria do Bouro, em Braga, onde lhe foi proposto construir uma pousada (fig.22). Construiu-a com as pedras do mosteiro como intitula o seu livro, pois apoderou-se do mosteiro e restaurou-o não à imagem de outrora, mas sim reconstruí-lo à imagem de uma cultura contemporânea. *Afinal de contas, não estou a restaurar um mosteiro, estou a construir uma pousada com as pedras de um mosteiro. Fiz um edifício moderno, como queria e com as pedras que estavam disponíveis.*<sup>14</sup>

Foi também encomendado a Fernando Távora uma pousada para o mosteiro de Santa Marinha da Costa, em Guimarães (fig.23). Ele pretendeu construir um corpo novo para assim *continuar – inovando, isto é, o de contribuir para a prossecução da vida já longa do velho edifício, conservando e reafirmando os seus espaços mais significativos ou criando espaços resultantes de novos condicionantes programáticos. “Pretendeu-se aqui um diálogo, não de surdos que se ignoram, mas de ouvintes que desejam entender-se, afirmando mais as semelhanças e a continuidade do que cultivando a diferença e a ruptura.”*<sup>15</sup>

A atitude do projecto perante o mosteiro de Santo Tirso foi garantir sempre a sua continuidade de crescimento em direcção a Sul, conforme a sua implantação. Ao analisar estas duas atitudes perante o património, a intenção do projecto assemelha-se à mesma atitude de Fernando Távora, em Guimarães.



**Figura 22\_**Mosteiro de Santa Maria do Bouro



**Figura 23\_**Mosteiro de Santa Marinha da Costa

---

<sup>14</sup> LEÓN, Juan Hernández; COLLOVÀ Roberto; FONTES, Luís; *Eduardo Souto Moura: Santa Maria do Bouro*, White & Blue, 2001, pág.46

<sup>15</sup> TRIGUEIROS, Luiz, *Fernando Távora*, editorial Blau LDA, 1993, Lisboa, pág. 116

# 5.

## A Escola do mosteiro de Santo Tirso

## 5.1 A atitude com o mosteiro de Santo Tirso

Olhar para o território deste mosteiro beneditino de Santo Tirso, não é apenas destacar a grandeza da história do seu edifício, mas sim dar valor à arquitectura daquele lugar que integra todos os elementos que o definem como casa monástica. Um lugar é uma memória de diferentes processos no tempo e diferentes relações entre si, resumindo-se a um organismo vivo em constante transformação.

Segundo John Ruskin, na *Lâmpada da Memória*, a arquitectura deve ser histórica e preservada como tal. *E se de fato houver algum proveito em nosso conhecimento do passado, ou alguma alegria na ideia de sermos lembrados no futuro, que possa fortalecer o esforço presente, ou dar alento à presente resignação, há dois deveres em relação à nossa arquitectura nacional cuja importância é impossível superestimar: o primeiro, tornar a arquitectura actual, histórica; e o segundo, preservar, como a mais preciosa de todas as heranças, aquela das épocas passadas.*<sup>16</sup>

As afirmações de Ruskin transmitiram desde logo a ideia-chave para uma atitude perante a intervenção num património, a sua conservação. De facto, o mosteiro beneditino é a *Lâmpada da Memória* que gerou a cidade de Santo Tirso, e se a apagasse/desligasse, aquela cidade não seria mais iluminada, ou seja, não teria mais a sua importância. Pois são estes elementos pontuais no território que torna-lo especial e procurado. Assim, a atitude tomada foi a sua preservação, mais precisamente pelo exterior. Enquanto o seu interior necessitou de pequenas alterações espaciais e programáticas, uma vez que este actualmente encontra-se modificado conforme as necessidades da escola agrícola.

---

<sup>16</sup> Tradução de Maria Lúcia Bressan Pinheiro, John Ruskin, *A Lâmpada da Memória*, Artes & Ofícios, Ateliê Editorial, Brasil, 2008, pág.55

Porque este mosteiro nos tempos de hoje ainda continua encerrado?

Porque não quebrar as barreiras que impedem a população de interagir com aquele que outrora fora muito importante para a cidade? (apesar de apropriarem-se da igreja e do seu claustro)

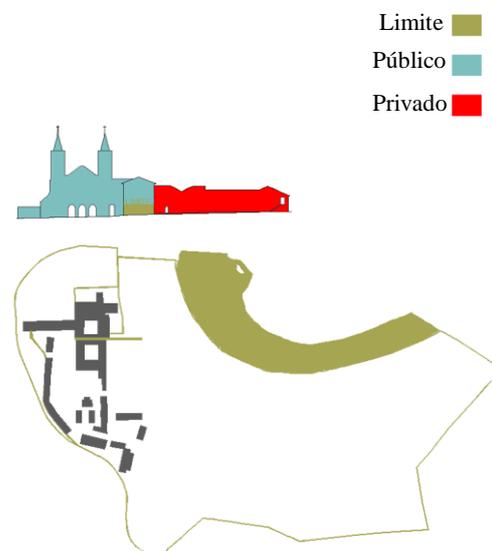
Porque não transladar a escola agrícola para outro espaço para assim o segundo claustro funcionar como “forúm romano”?

Para onde e de que forma a escola tomará o seu lugar na casa monástica?

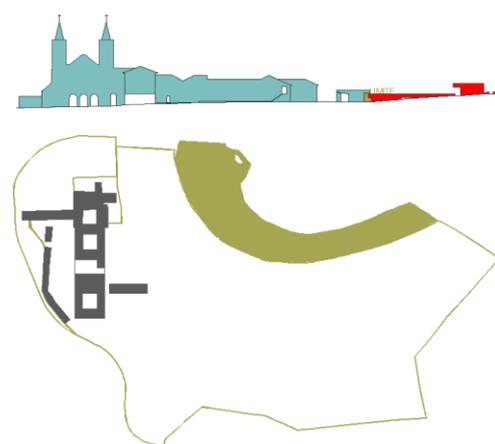
Estas foram algumas questões que impulsionaram o projecto para este mosteiro. Mas uma certeza já persistia desde o começo, a relembração do passado ou seja, reconstruir homenageando o terceiro e quarto claustro destruídos.

## 5.2 A implantação

Como já foi mencionado anteriormente, o mosteiro de Santo Tirso situa-se junto do rio Ave, limitado pela sua cerca menor e dividida em duas partes, a igreja e o seu claustro – a paróquia, como o segundo claustro e as restantes construções – a escola agrícola (fig.24). Quebrar essa barreira será uma das principais funções do projecto (fig.25). Qualquer mosteiro contém elementos implantados no limite do território que o definem facilmente, uma igreja, um claustro, uma hospedaria, oficinas, dependências dedicadas aos animais, jardins e uns campos agrícolas. Estes elementos foram claros aquando da visita ao mosteiro beneditino de Santo Tirso. Na igreja a ala que define o terreiro (antigamente uma hospedaria); dois claustros; um terceiro



**Figura 24**\_Esquema representativo do limite do mosteiro dividido em duas partes



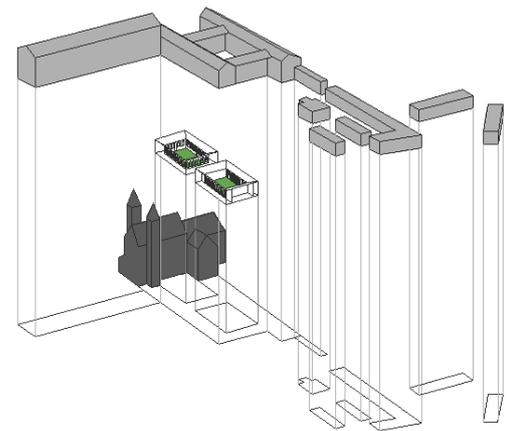
**Figura 25**\_Esquema representativo do limite do mosteiro dividido em duas partes, agora com o mosteiro totalmente semi-público

claustro marcado apenas pelo seu espaço; construções pontuais, que serviam de apoio à actividade da escola agrícola; oficinas dos alunos; cortes do gado e estrebaria; jardins e finalmente campos agrícolas.

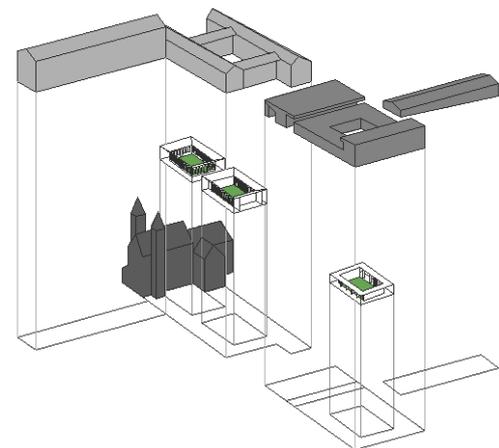
Por razões topográficas (declive em direcção ao rio Ave) o mosteiro desenvolveu-se de forma linear, como já foi referido. Nessa lógica de evolução linear o projecto da nova escola agrícola vai desenvolver-se, com o assentamento na antiga área do terceiro e do quarto claustro. Não será apenas essa lógica de assentamento que o projecto se irá fundamentar, mas também na lógica de construção de um novo claustro.

Desses espaços vazios a escola ocupou-se com o propósito de completar o ensino dos alunos (fig.26 e imagens da escola em anexo IV). Eram, na verdade construções precárias que não mereciam qualquer atenção, pois entravam em conflito com o conjunto monástico. Motivando assim desde logo, a sua eliminação para dar fruto ao novo projecto da escola (fig.27).

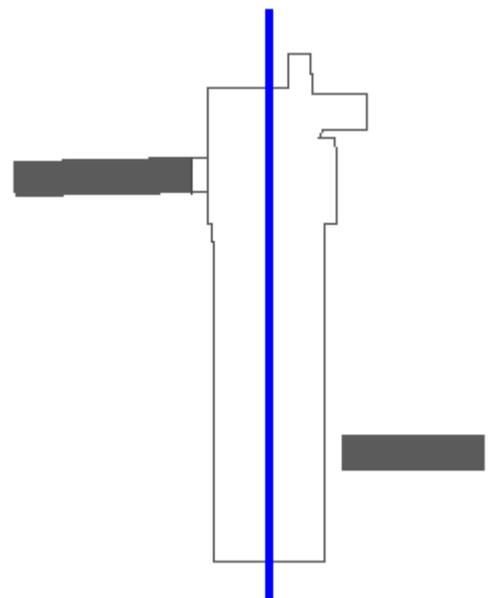
Dar apoio à actividade agrícola através de uma construção era essencial para a escola e construir próximo dela ainda melhor. A sua localização era imprecisa, mas analisando pormenorizadamente o conjunto seria a melhor forma de achar a sua implantação. Assim, percebe-se que a actividade que decorre nos dias de hoje (Museu Abade Pedrosa) na antiga hospedaria apoiam a cidade, servindo de museu para a visita da população às obras artísticas. Então porque não estabelecer o mesmo princípio de apoiar algo? Esse princípio foi adoptado, construindo um elemento novo que originou numa imagem quase simétrica, equilibrada e harmoniosa na organização do conjunto beneditino em estudo (fig.28).



**Figura 26** Esquema da organização espacial do mosteiro actualmente



**Figura 27** Esquema da organização espacial do mosteiro com o projecto proposto

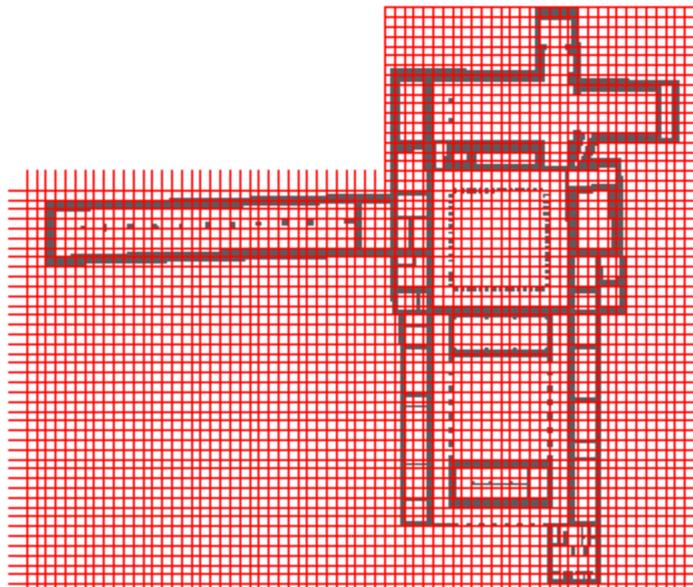


**Figura 28** Esquema da quase simetria com o novo elemento de apoio à actividade agrícola da escola

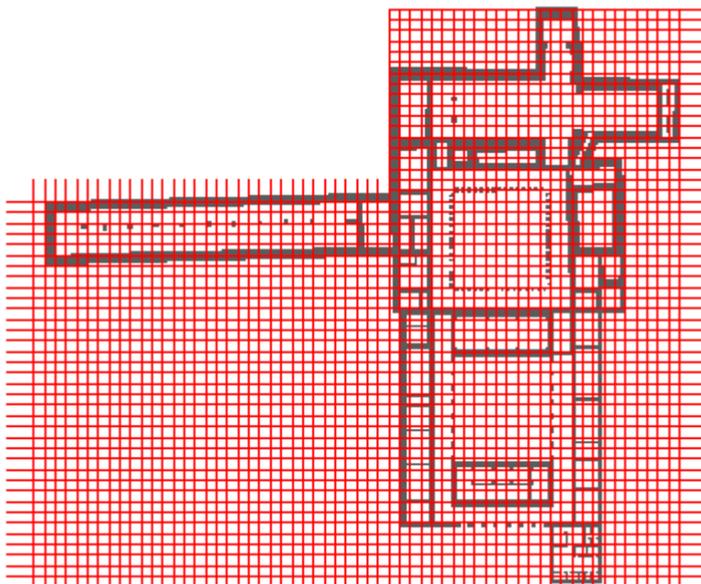
### 5.3 A forma

O projecto não nasce do nada, foram precisas análises ao conjunto e tomadas de decisões para garantir uma implantação e uma forma construtiva (memória do claustro) capaz de pertencer ao lugar, mesmo sendo ele do passado.

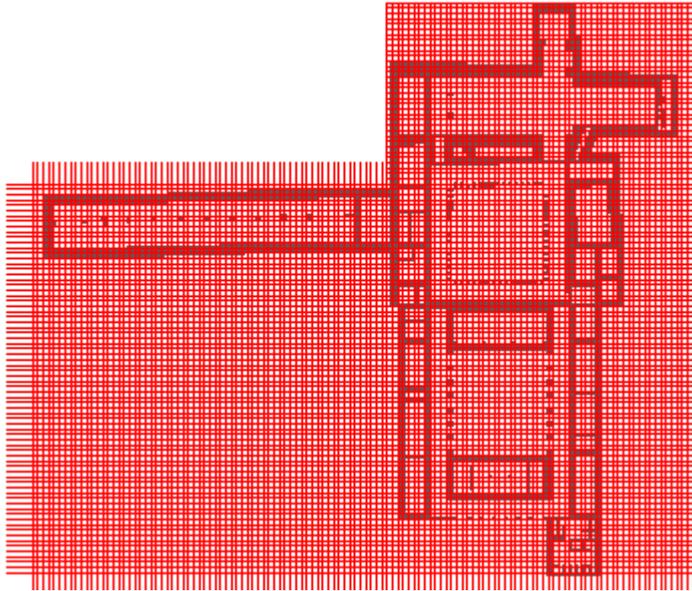
As análises basearam-se em métodos antigos de construção, como por exemplo a exploração métrica, a toesa, a braça, a vara, o passo geométrico e os 20 palmos, que serviram de bases para a construção de um mosteiro.



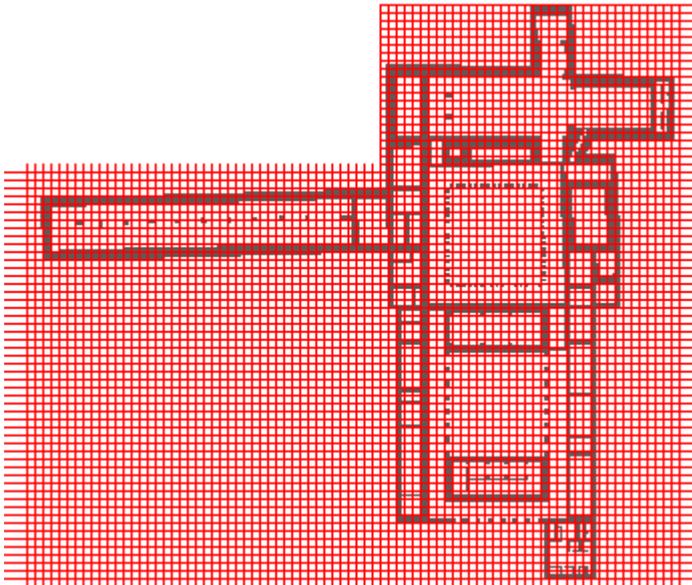
Toesa (1.98m)



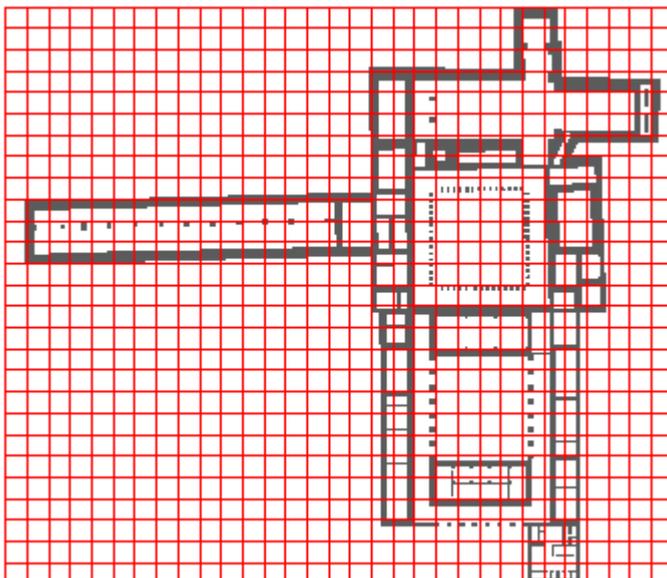
Braça (2.2m)



**Vara (1.1m)**

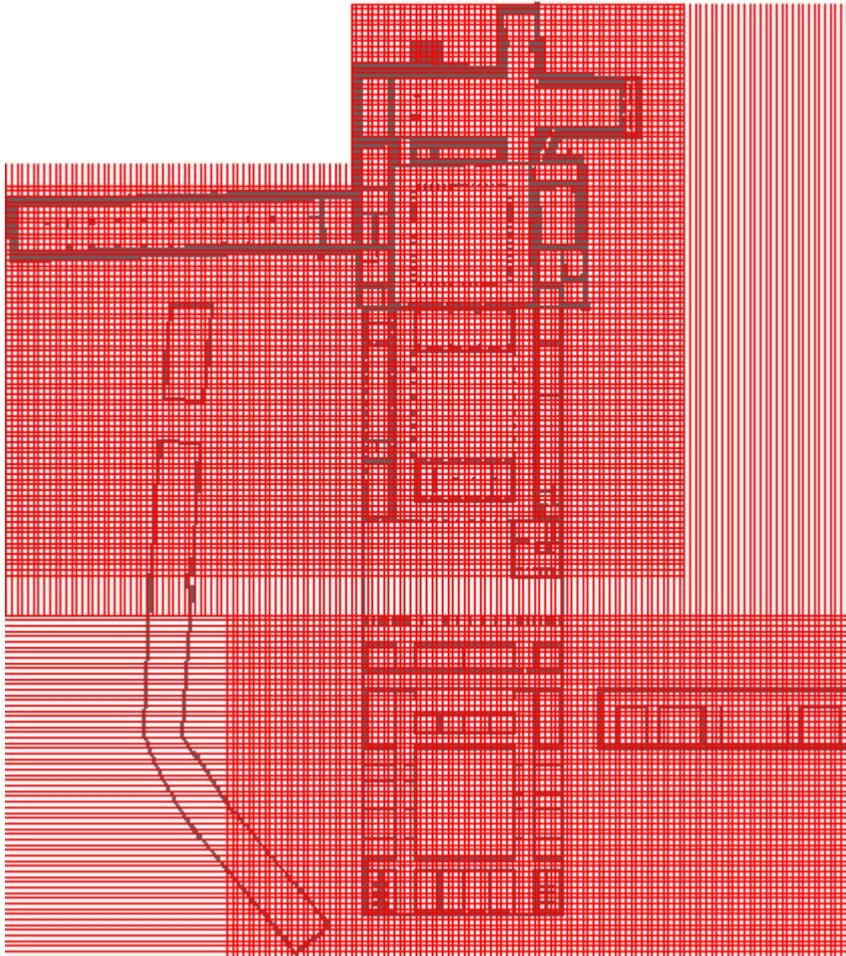


**Passo geométrico (1.65m)**



**20 Palmos (4.4m)**

Dos sistemas de medidas acima mencionados sobre o conjunto beneditino destaca-se a vara (1.1m), pois foi a que melhor adaptou-se às suas dimensões. Logo, essa medida seria a ideal para esboçar o novo projecto que avançaria em direcção a Sul do mosteiro de Santo Tirso, usando-o como medida base.



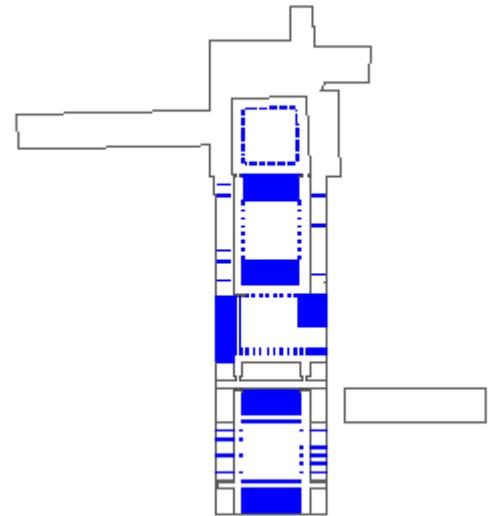
**Vara (1.1m) sobre o projecto**

Além da exploração métrica o mosteiro ofereceu mais um indício para o projecto, o ritmo das colunas e dos momentos de pausa (parede), dos sucessivos claustros (o primeiro, segundo e o que resta do terceiro). Esse compasso permitiu posicionar em planta o novo claustro da escola,

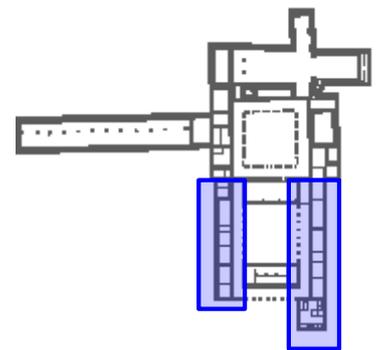
segundo essa lógica. Assim, sobre o terceiro claustro nasce um conjunto de colunas espaçadas entre si e de diferentes dimensões, com o objectivo de assinalar dois momentos (fig.29). Ao centro, destacando o ritmo das colunas que restaram do terceiro claustro e nas suas extremidades marcar um ritmo mais constante de colunas, para remeter a um espaço encerrado (as alas laterais do terceiro claustro, destruídas). No espaço destinado ao “quarto” claustro (a escola) o ritmo das suas colunas foi propositadamente diferenciado. Essa decisão não foi ao acaso, pois com um olhar mais atento à planta do mosteiro, mais precisamente na zona do segundo claustro, percebe-se que as suas alas eram compostas por diferentes proporções espaciais (fig.30). Sabendo que o ritmo do “quarto” claustro corresponde ao mesmo do segundo, a intenção passou por não transportar o ritmo das suas colunas, mas sim a ideia da proporção das suas alas, oferecendo uma qualidade específica aquele novo claustro.

## 5.4 O programa

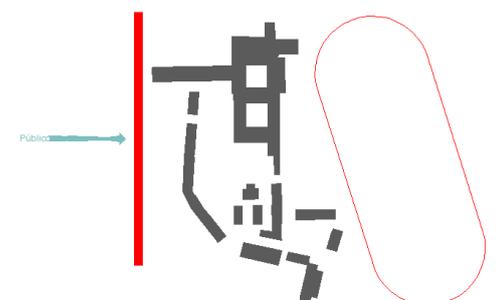
O mosteiro de Santo Tirso depois da extinção das ordens religiosas deixou de possuir o carácter de clausura. Mas, até aos dias de hoje e com a acomodação das escolas agrícolas



**Figura 29**\_Esquema de ritmo dos claustros do mosteiro que proporcionaram a orientação do novo claustro (escola)



**Figura 30**\_Percepção das diferentes proporções dos espaços do mosteiro tidos em conta para o desenvolvimento do projecto



**Figura 31**\_Esquema formal que representa a barreira do público com a vida interior do mosteiro

esse carácter não desapareceu, mantendo assim a sua barreira contra o público (fig.31). Como anteriormente foi referido, um dos objectivos desta intervenção no mosteiro será quebrar essa barreira, onde o público poderá entrar e meter mãos-à-obra nas hortas a ele destinada.

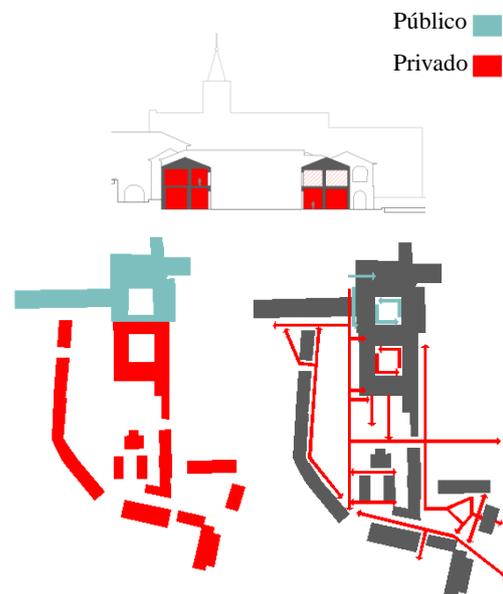
Como se tem vindo a narrar, o programa do mosteiro em estudo apresenta dois tipos de programas, um público (na igreja e no claustro) e um privado, que abrange todo o restante conjunto, até mesmo as parcelas agrícolas da cerca menor (fig.32). Os seus movimentos entre os programas também são caracterizados por esses dois grupos.

A proposta do projecto pretende gerar um espaço “misto” onde o semi-público e o privado se fundem num só (fig.33). O espaço elegido foi o segundo claustro, uma vez que o primeiro pertence à igreja e o “quarto” claustro à nova escola.

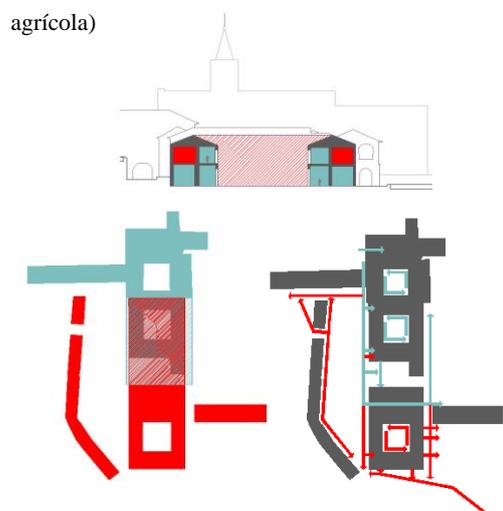
Assim, esse claustro passa agora a ter um papel fundamental no conjunto beneditino colocando o “fórum” romano, deslocado do primeiro claustro (o mais importante para os monges na sua época) (fig.34).

Para garantir a fusão desses dois grupos foi indispensável colocar programas comuns. No entanto, essa área seria também dividida pelo público e o privado. A zona inferior envolve todos os programas semi-públicos que posteriormente servirão a escola e a população, enquanto a zona superior terá programas que servirá para dividir o semi-público do privado, como se verifica no esquema em corte da figura 33.

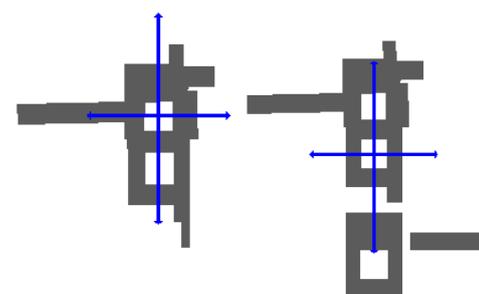
Os movimentos tornam-se agora mais públicos do que privados, ao abrirem-se as portas do segundo claustro à população, quebrando desta forma a barreira expressa inicialmente.



**Figura 32\_** Esquema do programa e dos percursos destinados, hoje ao público e ao privado (escola agrícola)



**Figura 33\_** Esquema do programa e dos percursos destinados ao público e ao privado (escola agrícola) do novo projecto, com o centro no 2º claustro



**Figura 34\_** Esquema representativo da transição do “fórum” principal, do 1º claustro para o 2º claustro

### 5.4.1 O programa da quinta

Actualmente a quinta do mosteiro é enriquecida de percursos por entre jardins e campos agrícolas (fig.35), ao qual futuramente acompanharão também a lógica do semi-publico e privado.

Ao verificar o esquema da figura 36, percebe-se de imediato a localização do eixo principal, que separa os dois percursos (semi-público do privado). Mais privados são os caminhos a Sul do mosteiro, onde a escola serve-se deles para acederem aos jardins e às hortas a ela destinados, enquanto a Norte os percursos serão transitados pelo público, que poderão eventualmente apropriar-se das hortas aí localizadas para o seu cultivo agrícola (hortas comunitárias).

A quinta a nível de programa deteve dois contextos de grande valor (fig.37). Um desses são os jardins mais formais delineados por canteiros, junto do conjunto monástico. Seguindo essa coerência, optou-se por qualificar as hortas experimentais da escola (localizadas ao seu lado) da mesma forma, usando o canteiro e a geometria regular, substituindo assim as flores por produtos hortícolas (referência dos jardins do Castelo de Villandry, França, 1536, por Jean Le Breton). Por outro lado o segundo contexto aponta para um programa mais informal, os campos agrícolas. Estes limitados por caminhos apresentam formas irregulares, que transformam-se anualmente nas estações do ano. Pois cada cultura tem o seu crescimento em épocas diferentes, logo o solo vai modificando-se continuamente.

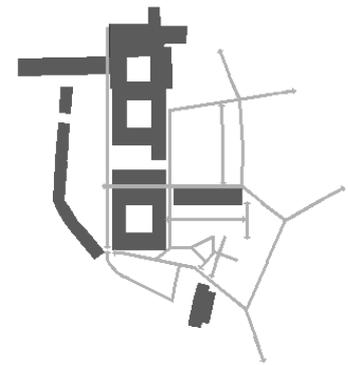


Figura 35\_Esquema dos movimentos da quinta

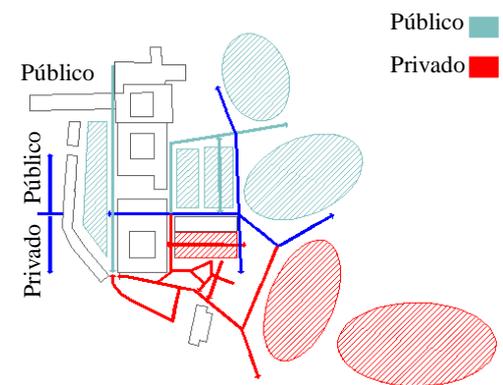


Figura 36\_Esquema dos movimentos qualificados em semi-público e privado com os seus respectivos jardins e campos agrícolas

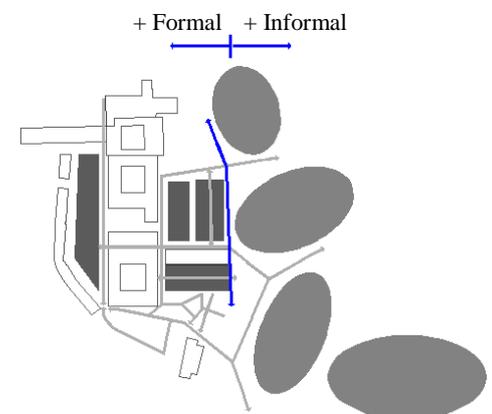
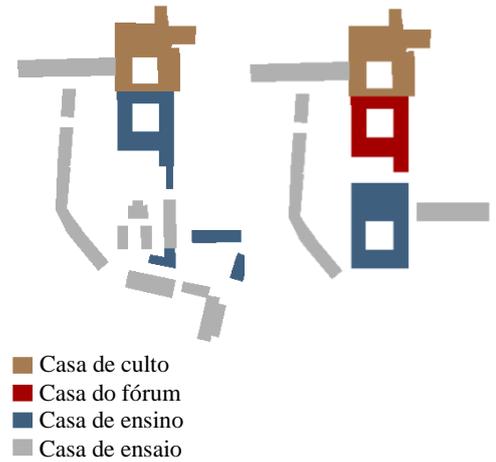
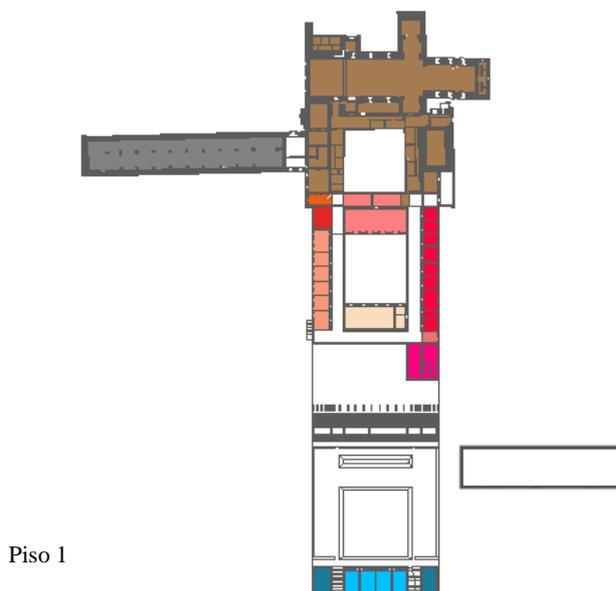
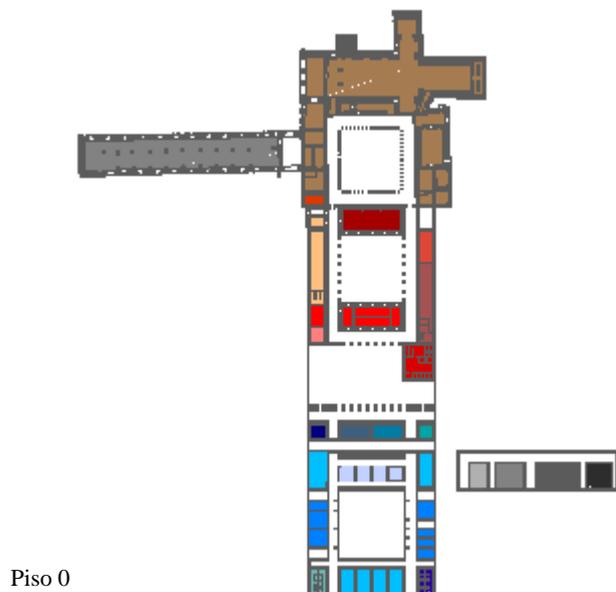


Figura 37\_Esquema dos dois programas da quinta, os jardins (+formais) e os campos agrícolas (+informais)

## 5.4.2 O projecto proposto

O mosteiro de hoje está dividido em três tipos de programas, a casa do culto, a casa do ensino e a casa do ensaio. Com a intervenção nesse conjunto, os três programas mantiveram-se, apesar de aparecerem em casas distintas. Contudo surge um novo programa, a casa do fórum, o novo epicentro do mosteiro de Santo Tirso (fig.38).

Os quatro programas acima mencionados estão subdivididos em programas mais específicos relativos a cada casa e representados pelos mesmos grupos de cores, nas seguintes plantas.



**Figura 38** Esquema dos principais programas do conjunto monástico

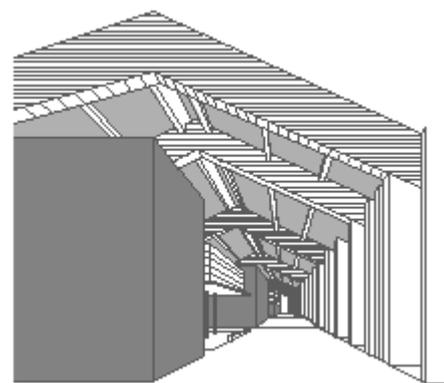
- Instalações sanitárias
- Auditório
- Biblioteca + sala de apoio
- Sala de jornais e revistas
- Loja de venda dos produtos ao público
- Sala informática
- Refeitório
- Bar
- Secretaria
- Administração
- Sala dos professores
- Sala de apoio ao aluno
- Salas de aula
- Salas expositivas
- Laboratórios
- Instalações sanitárias
- Enfermaria
- Animais em cativeiro
- Secador de plantas, Cavalaria (piso inferior)
- Vacaria
- Ordenha
- Adega
- Sala de estar
- Sala de estudo
- Dormitórios públicos
- Sala de conferências e salas de actos
- Sala do Capítulo
- Dormitórios da escola, no Verão são públicos
- Lavandaria
- Sala de convívio
- Balneários
- Sala de aulas

Como já foi mencionado, os programas na casa fórum tentam ocupar os alunos da escola e as pessoas que veem do exterior. Assim, na zona inferior o seu uso é mais frequente, enquanto na zona superior é mais pontual.

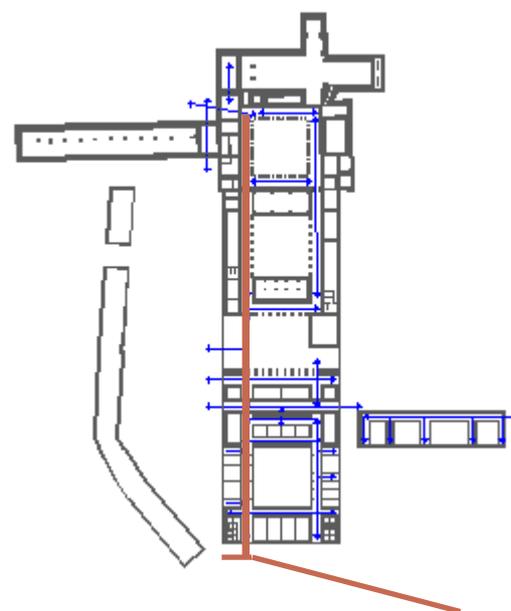
O terceiro claustro apenas será recordado com a presença de um tabuleiro como o de Tibães, que servirá de apoio à esplanada do bar e com uma escadaria, representante da massa que ali outrora existiu.

Na casa do ensino (projecto da escola) os programas estão divididos entre o semi-público (a secretaria, a administração, a sala dos professores e a sala de apoio ao aluno) e o privado (restantes dependências da escola). Estes dois são divididos por um corredor coberto em direcção à quinta, que permite aceder de forma livre e ainda acentuar a sua separação. Os laboratórios, as alas laterais do novo claustro, foram abertos no seu topo (à excepção da ala Oeste que é encerrada pelo terreno), com o objectivo de possibilitar a quem ali circula, a comunicação visual do interior da quinta e das suas hortas experimentais.

A casa do ensaio é composta por sucessivas caixas dentro do próprio edifício, visíveis para o exterior através do ritmo de colunas na sua fachada. O seu propósito é fundamentado apenas numa ideia, a corte onde os animais eram separados. Estes blocos desagregados remetem para essa ideia de divisão do espaço por animais, sem perder a leitura do todo (fig.39). A circulação por entre estes espaços é fácil de caracterizar - circular ao redor de, para aceder a, o que exige um claustro. A circulação a eixo entre o primeiro claustro e o “quarto” termina num muro que direcciona para o interior da quinta (fig.40). Há também momentos em que a circulação passa a ser, de – para, como por exemplo para



**Figura 39**\_Esquema da percepção interior da casa do ensaio



**Figura 40**\_Esquema da circulação espacial do conjunto

aceder ao terceiro claustro e para aceder aos volumes inseridos na casa de ensaio.

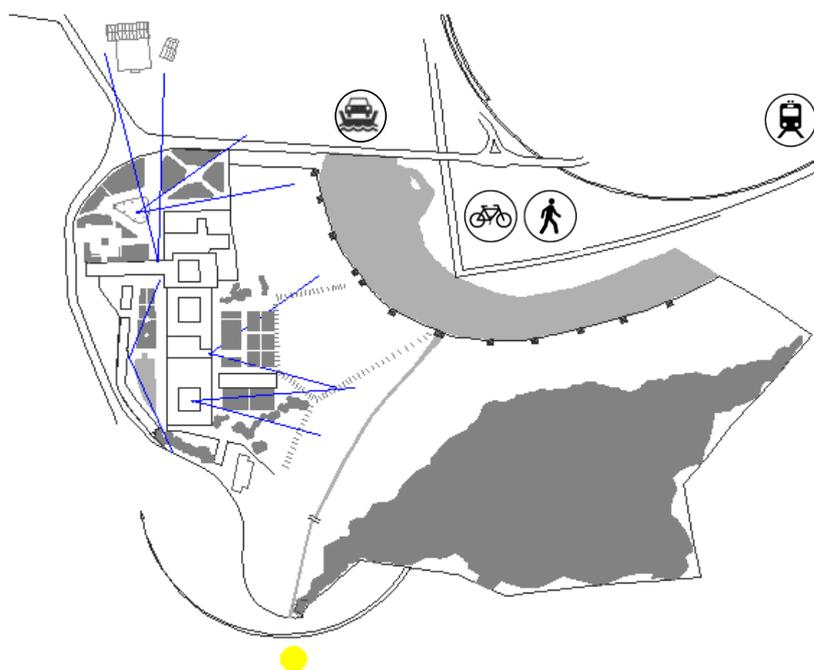
É através das particularidades da quinta e dos espaços entre o conjunto, que surgem os ambientes característicos deste mosteiro de Santo Tirso.

O terreiro, que permite visualizar a quinta de fora com a sua eira, mas também a ponte que atravessa o rio Ave, por onde chega muitos visitantes e crentes.

O espaço junto das oficinas da escola agrícola, por encontrar-se na cota mais elevada é premiado com todo o enredo do mosteiro.

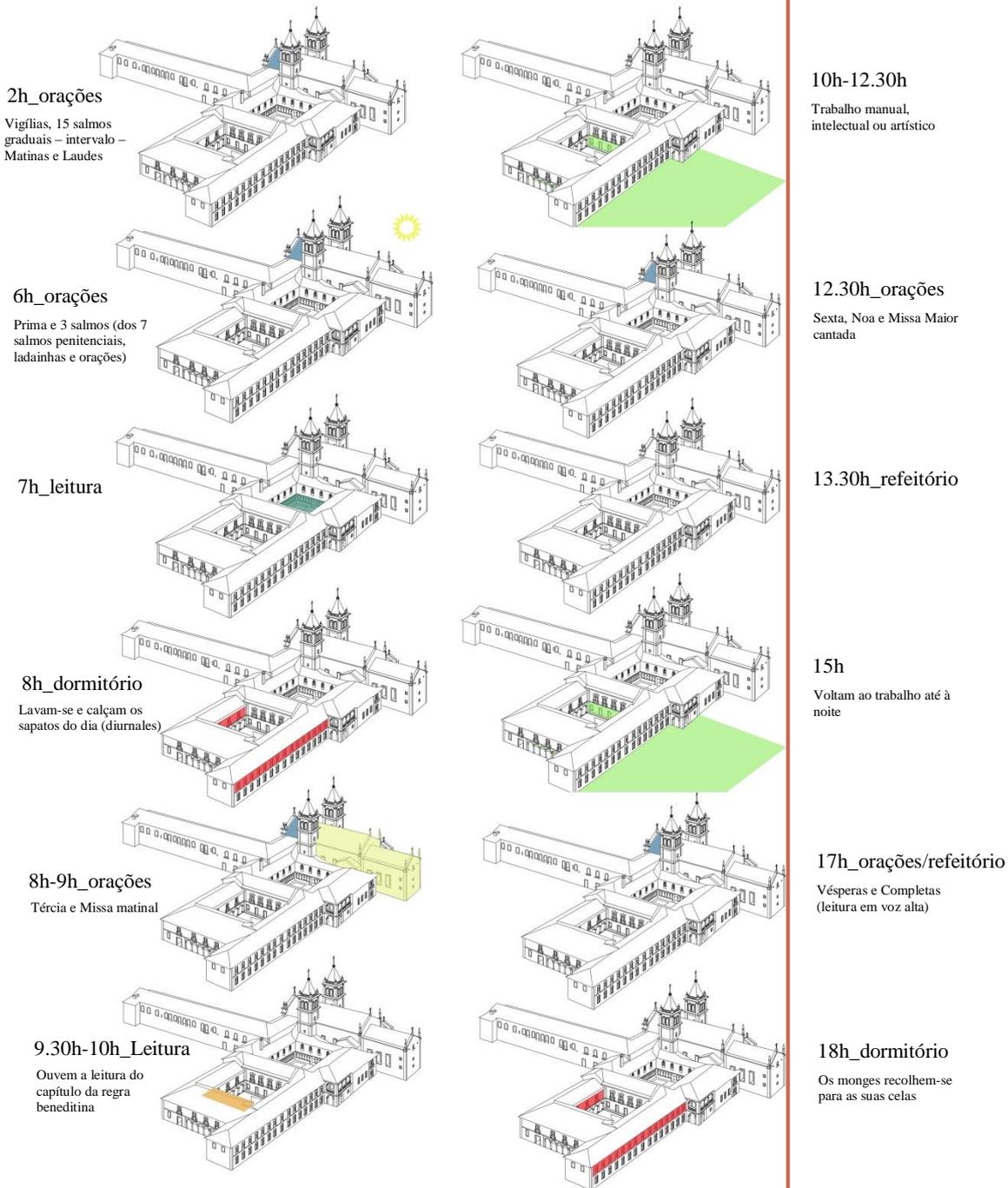
O terceiro claustro numa cota mais baixa possibilita a observação de momentos longínquos e de momentos próximos. Esses momentos longínquos são a cidade do outro lado da margem, os caminhos-de-ferro, o passadiço de circulação das pessoas e bicicletas, a via pública, o rio Ave, os doze alpendres sobre o rio, os campos agrícolas e numa zona mais próxima os seus jardins e a casa do ensaio.

Do claustro da escola consegue-se ter a percepção da mata da cerca do mosteiro, assim como as suas hortas e os campos agrícolas.



### 5.4.3 As horas e a sua influência no uso de cada espaço

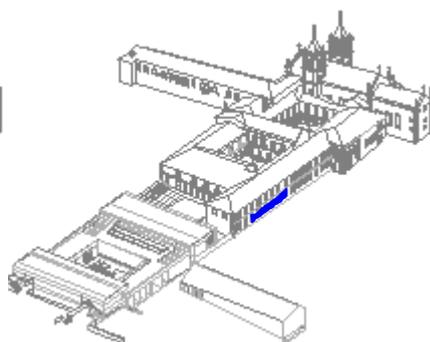
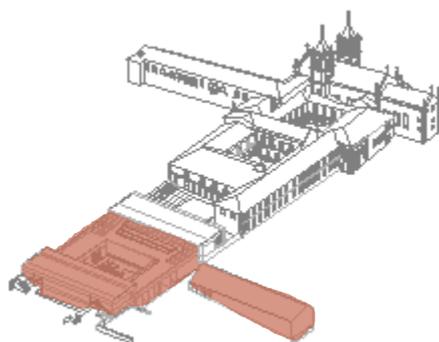
A vida de um monge era organizada por horas e a essas horas correspondiam diferentes espaços. Com a análise dessas horas de ofício dos monges na casa monástica de Santo Tirso deparou-se que a igreja (coro-alto) era o local mais usado pela congregação.



Legenda: ■ Coro-alto ■ Claustro ■ Dormitório – celas dos monges ■ Igreja ■ Sala do Capítulo

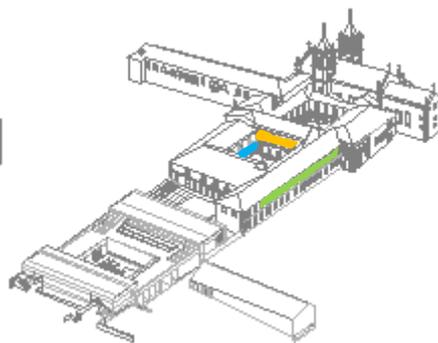
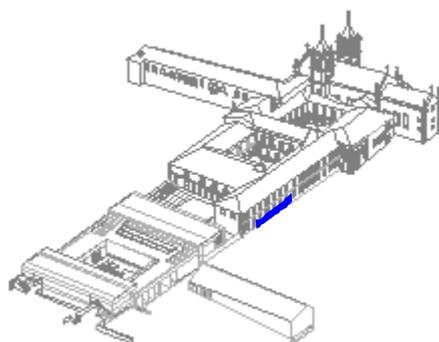
Depois de um olhar atento às horas e frequências de espaços do passado, esboçou-se também um horário com o intuito de perceber qual seria o espaço mais usado. Esse espaço é as salas de aula, que porém ao mesmo tempo podem surgir actividades com o público no segundo claustro.

8h-12h\_aulas



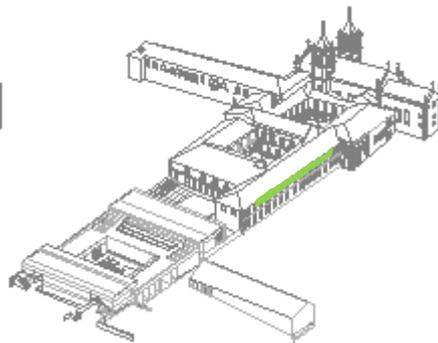
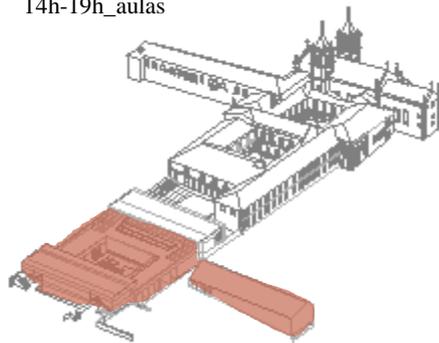
19h-21h\_jantar

12h-14h\_almoço



21h-24h\_dormitório ou alguma actividade

14h-19h\_aulas



24h-7h\_dormitório

Legenda: ■ Casa do ensino e casa do ensaio ■ Refeitório ■ Auditório ■ Sala de conferências ■ Dormitório

## 5.5 Os princípios construtivos

Se começarmos a subtrair os percursos aos volumes dos conjuntos, começa-se a perceber as áreas definidas de cada ala envolvente (fig.41). Por sua vez, ao subtrair os espaços dos volumes obtém-se a “massa” das suas paredes.

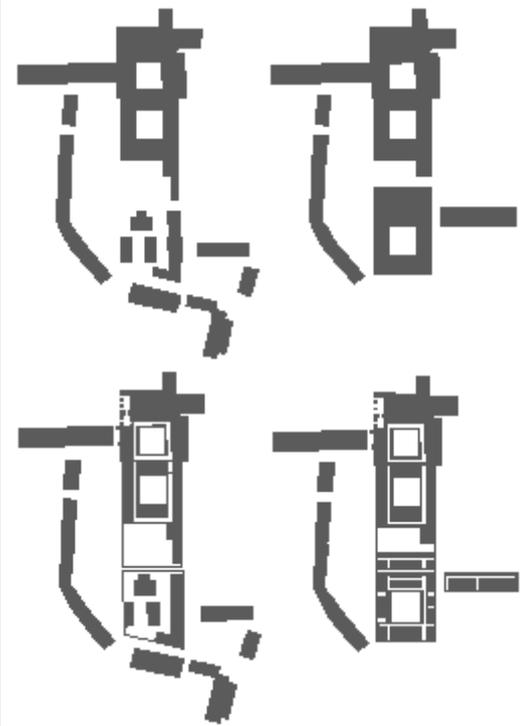
Construir segundo as lógicas do mosteiro é construir também com as mesmas bases do processo construtivo, ou seja, a ideia da “massa”, que será estabelecida de igual forma no novo corpo construído (fig.42).

### 5.5.1 As técnicas construtivas

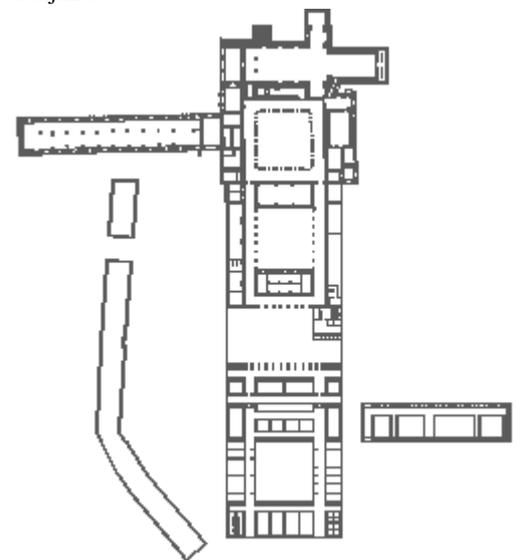
Antigamente, esse processo construtivo baseava-se em paredes de alvenaria emparelhadas por vários blocos de pedra. Para alcançar a tal espessura desejada das suas paredes foi necessário criar dois panos de alvenaria de pedra, compensados no seu interior por um enchimento pobre à base de cascalho, terra e um ligante (fig.43).

A ideia do projecto é interpretar as técnicas do passado com materiais do presente.

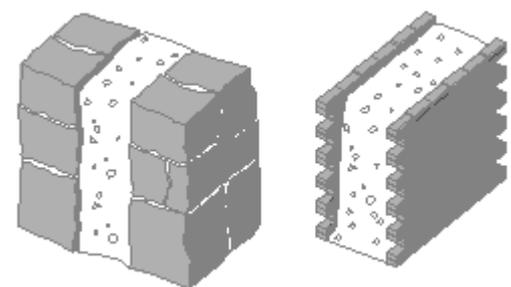
Desse modo, para atribuir a expressão às paredes do novo elemento, opta-se por substituir a alvenaria de pedra, pela alvenaria de tijolo (referência ao mosteiro St Benedictusberg de Dom H. Van Der Laan) (fig.43). Essa alvenaria de cor branca, ao contrário do que acontecia outrora, não necessitará de ser caiada ou rebocada, por uma razão. A razão que leva a excluir o reboco é a possibilidade da alvenaria trabalhar através dos espaços distanciados entre cada bloco. O objectivo desses espaços na alvenaria é a



**Figura 41**\_Esquemas dos elementos e sub-elementos dos conjuntos



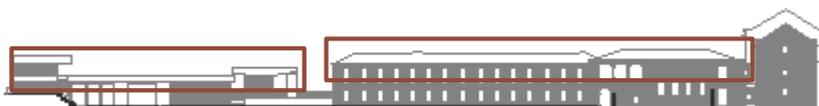
**Figura 42**\_Planta onde é claro a “massa” construtiva das paredes



**Figura 43**\_Alvenaria de pedra e alvenaria de tijolo

omissão dos vãos das janelas, pois o projecto pretende ser silencioso e não entrar em competição com o mosteiro. Esta atitude teve como referência a fachada do Pastoral Centre Pope John Paul II Hall, Croácia e o museu Kolumba, Colônia de Peter Zumthor (fig.44).

O projecto desenvolve-se através de paredes de alvenaria de tijolo, enquanto a sua cobertura plana é construída por “caixas” de betão armado (fig.45). A cobertura funciona como uma ”tampa” e essa ideia é reforçada ao manter esse material (betão) à vista. Apesar do projecto em alçado apresentar um propósito moderno em relação ao mosteiro, as suas coberturas são semelhantes. Nesses edifícios é claro o que é parede e o que é cobertura, mesmo uma sendo plana e outra inclinada.

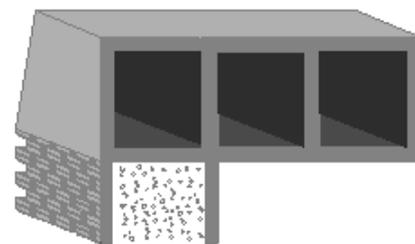


O betão armado, que define as coberturas do projecto veio também substituir a pedra ornamental empregue em torno das paredes do edifício monástico. O betão armado é mais um elemento de hoje, usado no projecto para substituir a pedra à vista do antigamente.

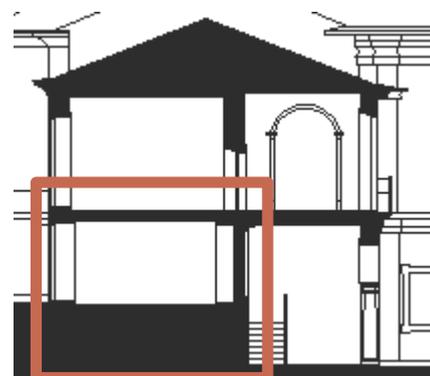
Para a acomodação do auditório no segundo claustro, a casa do fórum, foi necessário encontrar um espaço que oferecesse as devidas condições para a sua acomodação.



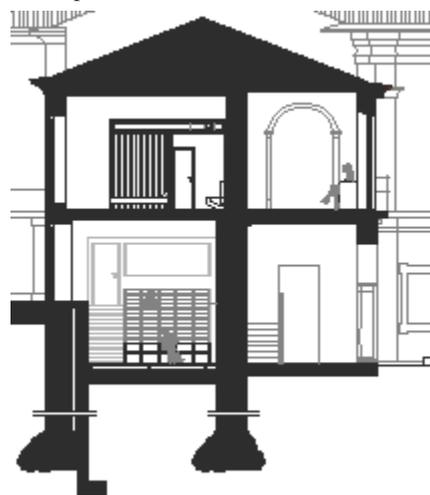
**Figura 44\_** Pastoral Centre Pope John Paul II Hall e o museu Kolumba, Colônia de Peter Zumthor



**Figura 45\_**Esquema construtivo do novo projecto (cobertura em betão armado e paredes em alvenaria de tijolo)



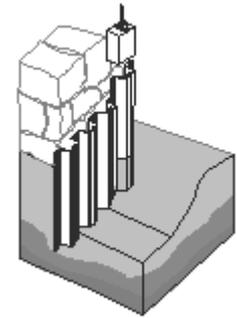
**Figura 46\_**Corte do local escolhido para o auditório



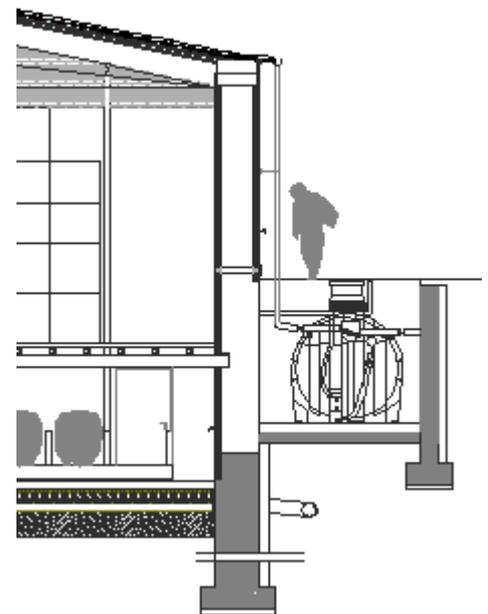
**Figura 47\_**Corte com a intervenção do auditório

Surgiu então a ala a Oeste, no espaço onde hoje encontra-se a administração da escola agrícola (fig.46). Ao analisar o corte dessa ala, verificou-se que o espaço apresentava uma cota acima do corredor do claustro, o que permitiu introduzir o declive exigido por um auditório (fig.47). Sem destruir o património foi preciso recorrer a um sistema, chamado estaca-prancha, como demonstra a figura 48, para construir as bases do auditório.

Como o lema dos monges era aproveitar toda a água para as suas necessidades, o mesmo se fez na casa de ensaio, ao aproveitar as águas da chuva para um sistema de recolha de águas pluviais, um desenho da autoria Oliveira Irmão (fig.49). Esse armazenamento de água permitirá alimentar as hortas experimentais da escola agrícola, assim como alimentar os animais ou alimentar qualquer necessidade.



**Figura 48**\_demonstração do funcionamento da estaca-prancha



**Figura 49**\_Corte onde demonstra o uso do sistema de recolha das águas pluviais

## CONCLUSÃO

Estar a projectar com o objectivo de alcançar a excepção é um erro, pois um edifício histórico, por si só é uma excepção.

É essa excepção do mosteiro beneditino de Santo Tirso carregada de regras, que potenciou o desenvolvimento do novo projecto. Observou-se e retirou-se as ferramentas necessárias para a sua base. Mantendo assim o “diálogo”, não só com o mesmo tipo de construção, mas também com a mesma implantação.

Em síntese, tornar o projecto silencioso e sobretudo funcional é dar essência fundamental ao mosteiro, porém a sua presença não passa despercebida pela sua atitude e irreverência.

## REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS

- *Boletim cultural do concelho*, publicado pela Câmara Municipal de Santo Tirso, 1951 a 1955;
- LIMA, António A. Pires de, *Subsídios para a história de Santo Tirso, 1953, (Separada de O concelho de Santo Tirso, I e II, 1951 e 1953), A lenda de Santo Tirso ( in o concelho de Santo Tirso, 1952;*
- LUCAS (Castelo de)- *Santo Tirso*, in *O concelho de Santo Tirso*, IV, n.º 1, 1955;
- DIAS, (Geraldo José Amadeu Coelho )(2000), *Benedictinos II. Época Moderna* , in *Dicionário de história de Portugal*, dir por Carlos Moreira Azevedo, Lisboa, Pág. 205-208;
- PIMENTEL, (Alberto) – *Santo Tirso de Riba de Ave*, 1902;
- SANTO TOMA, (Frei Leão de) – *Benedictina Lusitana*, II,1651;
- “*Índex do cartório deste mosteiro de Santo Tirso, que mandou reformar no ano de 1774* (Arquitetura. Distrital do Porto, Mosteiro de Santo Tirso, Código 272);
- SANTO TIRSO – *Boletim cultural*, concelho volume I, n.º 1, edição da Câmara Municipal de Santo Tirso, 1977;
- SOUSA (Bernardo Vasconcelos); PINA (Isabel Castro); ANDRADE (Maria Filomena); SANTOS (Maria Leonor Ferraz de Oliveira Silva) - *Ordens Religiosas em Portugal, das Origens a Trento*, Guia Histórico; Livros Horizonte, Lisboa, 2005;
- *Santo Tirso. Das origens do povoamento à atualidade*, edição da Câmara Municipal de Santo Tirso, 2013.
- CORREIA (Francisco Carvalho) - *Santo Tirso, da Cidade e do seu Termo*, Volume II, Pág. 31 a 46, «uma planta do Mosteiro de Santo Tirso, de 1867»;
- RIBEIRO, (Luís Miguel Rodrigues), 2º Ciclo de Estudos em Cidades, *Riscos e Ordenamento do Território. Urbanismo e transformações Urbanas em Santo Tirso.*

- CORREIA, (Francisco Carvalho) - *O Mosteiro de Santo Tirso de 978 a 1588*, Volume I estudo, Câmara Municipal de Santo Tirso, Janeiro 2009;
- CORREIA, (Francisco Carvalho) - *O Mosteiro de Santo Tirso de 1588 a 1834, o Rol dos seus Abades e dos seus monges*, Estudo e Documentação, Volume IV, Câmara Municipal de Santo Tirso, Empresa do Diário do Minho, Lda,2013;
- LEIDEN, ( E. J. BRILL)- ARCHITECTONIC SPACE, 1983;

## REFERENCIAS DAS IMAGENS

Figura 1: [www.construindohistoriahoje.blogspot.com](http://www.construindohistoriahoje.blogspot.com)

Figura 2: [http://pt.wahooart.com/Art.nsf/O/8XZPLG/\\$File/Angelo-Lion-St-Dominic-and-St-Francis-2-.JPG](http://pt.wahooart.com/Art.nsf/O/8XZPLG/$File/Angelo-Lion-St-Dominic-and-St-Francis-2-.JPG)

Figura 3: Comissão Nacional do Ambiente – Carta Administrativa de Portugal

Figura 8: [www.viasromanasclix.pt](http://www.viasromanasclix.pt)

Figura 9: CORREIA, Francisco Carvalho, *O Mosteiro de Santo Tirso de 978 a 1588*, volume I, Câmara de Santo Tirso, Norprint Artes Gráficas, 2009, pág.80

Figura 12: <https://www.facebook.com/santotirsocomhistoria?fref=ts>

Figura 22: [http://adeliomartins.blogspot.pt/2011\\_11\\_01\\_archive.html](http://adeliomartins.blogspot.pt/2011_11_01_archive.html)

Figura 23: <http://www.skyscrapercity.com/showthread.php?t=597477&page=4>

Figura 44: <http://cdn.architecturelab.net/wp-content/uploads/2009/11/0.jpg> e

<http://1.bp.blogspot.com/->

[wOVv1sDlymo/T5RcP1bHCSI/AAAAAAAAARNk/wPJwmZ75NT0/s1600/Kolumba-](http://1.bp.blogspot.com/-wOVv1sDlymo/T5RcP1bHCSI/AAAAAAAAARNk/wPJwmZ75NT0/s1600/Kolumba-)

[Museum-Peter-Zumthor.png](http://1.bp.blogspot.com/-wOVv1sDlymo/T5RcP1bHCSI/AAAAAAAAARNk/wPJwmZ75NT0/s1600/Kolumba-Museum-Peter-Zumthor.png)

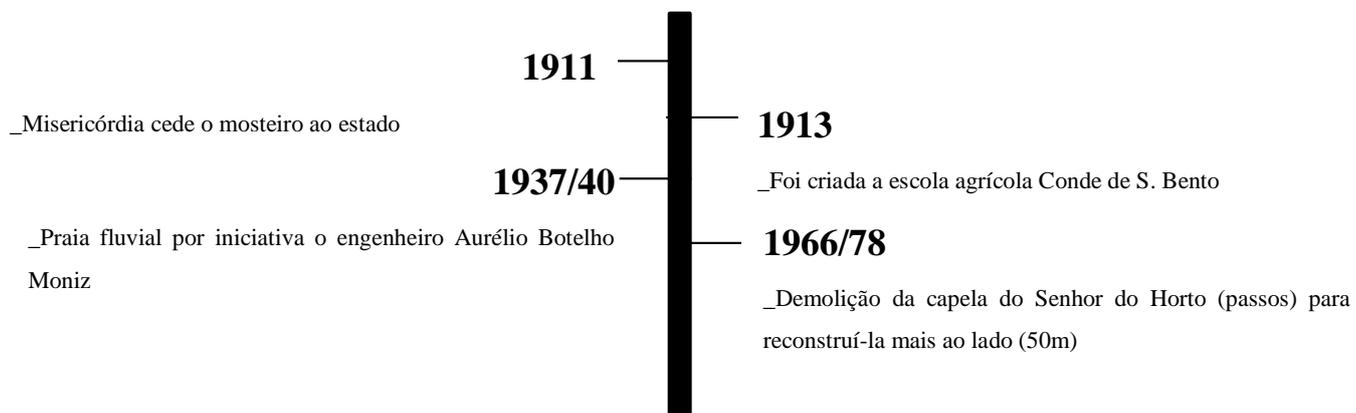


# ANEXO I

## Friso cronológico

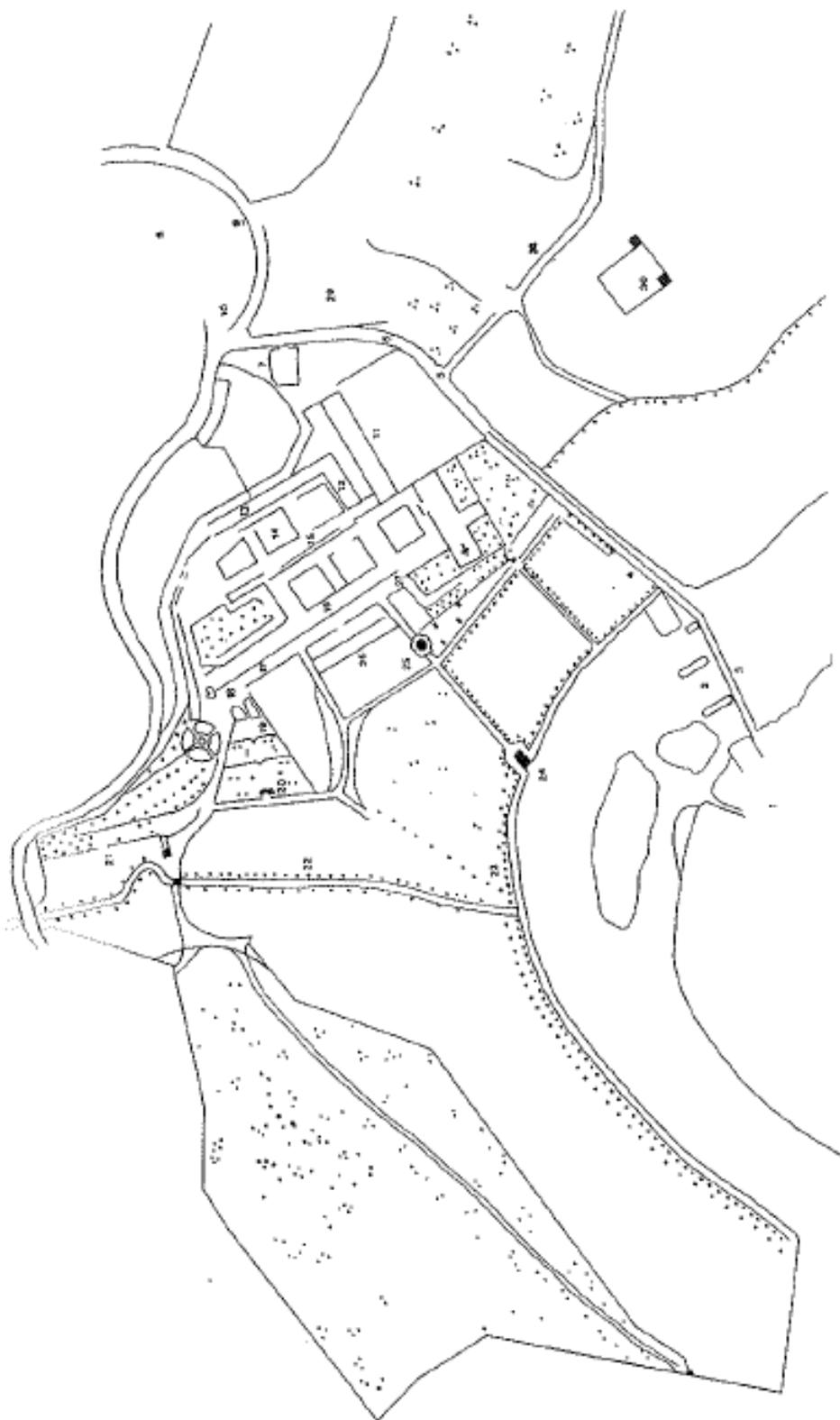


<p><b>1656-59</b></p> <p>_Construção da nova e última igreja (actual) por Frei João Turriano</p>	<p><b>1659-79</b></p> <p>_Construção do coro-alto</p>
<p><b>1661-65</b></p> <p>_Construção da sacristia e ante-sacristia</p>	<p><b>1729</b></p> <p>_Início da construção da Capela dos Passos</p>
<p><b>1731</b></p> <p>_Pôr-se-ia o chafariz no 3º claustro</p>	<p><b>1737/40</b></p> <p>_Construção da hospedaria por Dom Abade Plácido de S. Bento</p>
<p><b>1743/46</b></p> <p>_Rasgam no lado meridional para inserir a escadaria de acesso ao coro</p> <p>_Construção da botica repartida em 4 salas</p>	<p><b>1767/73</b></p> <p>_Nova biblioteca José de S. António Ferreira Vilaça</p>
<p><b>1780/86</b></p> <p>_Nova sala do capítulo</p>	<p><b>1801</b></p> <p>_Construção do muro junto do rio e do jardim de Santo António</p>
<p><b>1834 – Extinção das ordens religiosas, saída dos frades</b></p>	
<p><b>1847</b></p> <p>_O 1º claustro entrou em ruínas. Os fregueses em 1840 ficaram com a igreja e o primeiro claustro, servindo-se do jardim interior deste recinto para o cemitério. As colunas perderam a sua consistência e ruíram</p>	<p><b>1842</b></p> <p>_Extinção da botica</p>
<p><b>1863</b></p> <p>_Santo Tirso recebeu a categoria de vila</p>	<p><b>1862</b></p> <p>_Demolição da capela de S. António no largo da igreja</p>
<p><b>1875</b></p> <p>_Inauguração do caminho-de-ferro pelo Rei D. Luís I e pela Rainha Maria Pia</p>	<p><b>1867</b></p> <p>_Planta do mosteiro (primeira planta) verifica-se os quatro claustros e a quarta ponte de pau</p>
<p><b>1893</b></p> <p>_No lugar do chafariz do primeiro claustro colocou-se o túmulo de São Bento</p>	<p><b>1882</b></p> <p>_Mandou-se destruir a ponte de pau por ameaça de ruir</p> <p>_São Bento pretendeu estabelecer no mosteiro, um hospital e um asilo</p>
<p><b>1902</b></p> <p>_Destruição do 3º e 4º claustro, pelo fogo</p>	<p><b>1894</b></p> <p>_José Luís de Andrade doa as quintas do mosteiro á Santa casa da misericórdia para a fundação da escola agrícola de Conde S. Bento</p>



## ANEXO II

Planta do mosteiro beneditino de Santo Triso do ano de 1867 (onde é visível a presença dos 4 claustros), fornecido pela Câmara Municipal de Santo Tirso



# ANEXO III

Planta do mosteiro de Santo Tirso (transformada pela presença da escola agrícola Conde S. Bento), fornecido pela Câmara Municipal de Santo Tirso



# ANEXO IV





